

2

OS SEGUROS



2 OS SEGUROS

Para interpretação das análises apresentadas, importa relevar que:

- nas secções 2.1. (Evolução da atividade seguradora) e 2.2. (Estrutura do mercado segurador nacional) considera-se a totalidade das empresas de seguros que atuam em Portugal em regime de estabelecimento;
- nas restantes secções deste capítulo e nos outros capítulos relativos à atividade seguradora toma-se por objeto todas as empresas que se encontram sujeitas à supervisão prudencial do Instituto de Seguros de Portugal (ISP). Este conjunto é mais reduzido que o primeiro pelo facto de não incluir informação relativa às sucursais em Portugal de empresas de seguros com sede na União Europeia (UE), cuja supervisão prudencial é da competência dos respetivos Estados-Membros de origem.

Note-se ainda que ocorreram alterações de âmbito face aos relatórios publicados em anos anteriores. Considerando que duas empresas deixaram de estar sob a supervisão do ISP, e no sentido de garantir a comparabilidade com os anos transatos, foram suprimidos os respetivos dados históricos.

2.1. Evolução da atividade seguradora

No presente subcapítulo apresenta-se uma análise da evolução da atividade seguradora durante o ano 2010, quer em termos nacionais, quer mundiais, destacando em particular o conjunto de países que constituem a UE.

2.1.1. Elementos síntese sobre a evolução do setor ao nível nacional

Crescimento e volume da produção – total do mercado

O número de empresas de seguros a atuar em regime de estabelecimento, ou seja, considerando entidades sediadas e sucursais, reduziu-se de 87 em 2009 para 83 em 2010. Contudo, esta contração não se refletiu na produção, que atingiu os 16 427 milhões de euros, traduzindo-se num crescimento de 12,7% face a 2009.

Quadro 2.1 Grandes agregados – total de empresas de seguros do mercado (atividade em Portugal e no estrangeiro)

milhões de euros	2008	2009	2010
N.º de empresas de seguros	85	87	83
Vida	22	22	21
Não Vida	51	52	50
Mistas	12	13	12
Produção de seguro direto	15 437	14 582	16 427
Vida	11 070	10 411	12 219
Não Vida	4 367	4 171	4 208

Tendo em conta apenas o conjunto de empresas supervisionadas pelo ISP, o volume da produção representa cerca de 97% do total do mercado no caso do ramo Vida e 86% no que se refere aos ramos Não Vida, ascendendo a um total de 15 455 milhões de euros. Esta informação é desenvolvida em maior detalhe no subcapítulo 2.3.

2.1.2. Comparações internacionais

Neste subcapítulo analisa-se a evolução da atividade seguradora a nível mundial, sendo dado um destaque particular à UE.

2.1.2.1 Evolução da atividade seguradora ao nível mundial

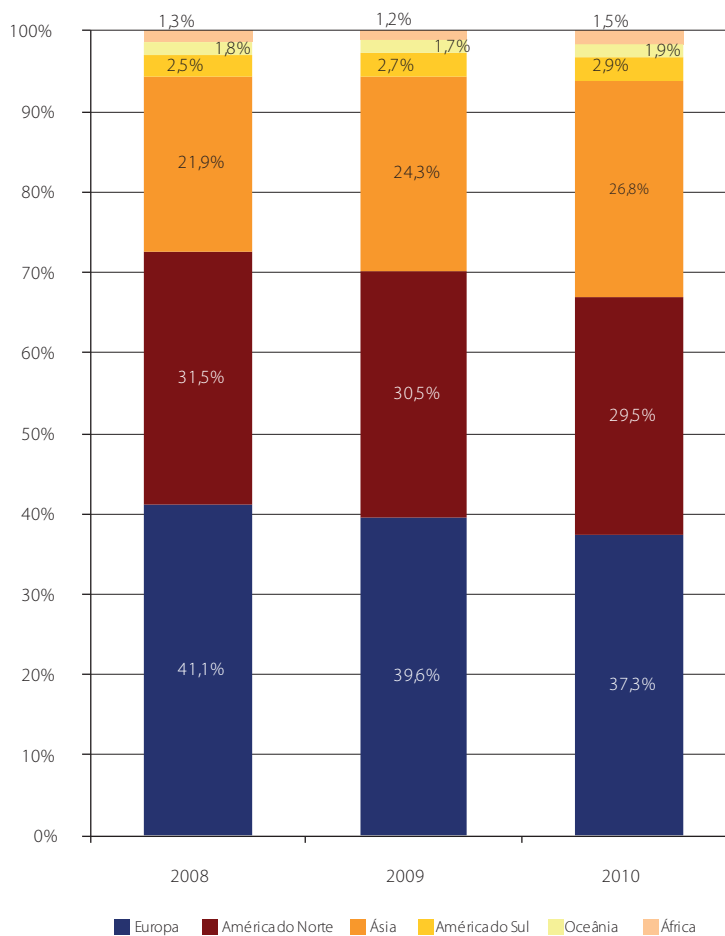
Crescimento e volume da produção ao nível mundial

O volume da produção de seguros mundial atingiu, em 2010, 4 339 mil milhões de USD, o que representa um incremento nominal de 6,7% em relação a 2009.

Efetuada a análise por ramos, conclui-se que a evolução positiva foi impulsionada pelo ramo Vida (8,1% em termos nominais), embora a taxa de crescimento dos ramos Não Vida não tenha sido despiçienda (4,9% em termos nominais).

Em relação à quota de mercado, continua a ser na Europa (em especial na Europa Ocidental) que se concentra o maior volume de produção, seguindo-se a América do Norte e a Ásia (especificamente, Japão e novas economias industrializadas asiáticas, como é o caso de Hong Kong, Coreia do Sul, Singapura e Taiwan). Esta tem sido, aliás, a tendência observada ao longo dos últimos anos, acompanhada de um aumento progressivo da quota de mercado assumida pela Ásia.

Gráfico 2.1 Quota de mercado mundial

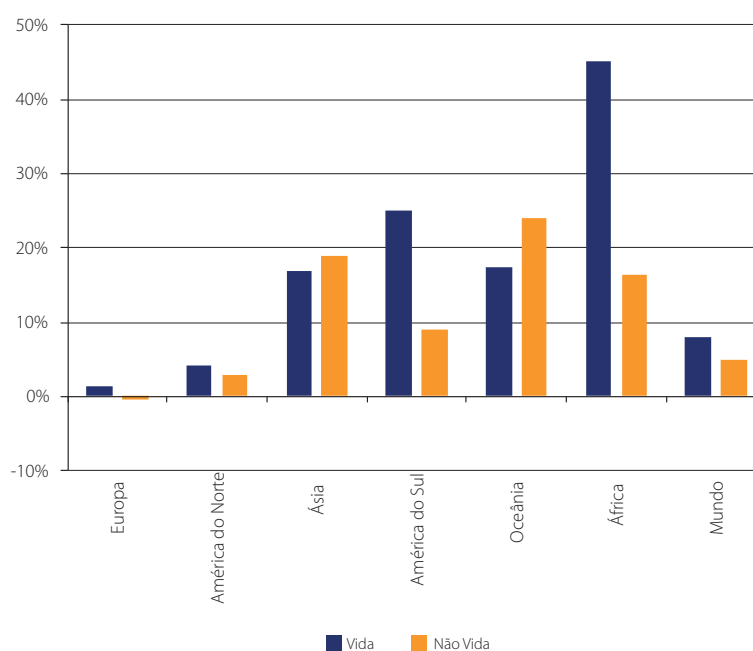


Fonte: Swiss Re, Sigma n.º 3/2009, Sigma n.º 2/2010, Sigma n.º 2/2011

O próximo gráfico permite concluir que, à exceção dos ramos Não Vida no continente europeu (variação de -0,4%), se verificou um aumento da produção nominal a nível mundial.

Saliente-se que o continente africano foi aquele em que se registou um crescimento mais expressivo nominalmente (35,4% no total), assente sobretudo no ramo Vida, enquanto na Europa o aumento da produção nominal se cingiu a 0,6% (1,3% no ramo Vida e decréscimo de 0,4% nos ramos Não Vida).

Gráfico 2.2 Crescimento nominal da produção a nível mundial



Fonte: Swiss Re, *Sigma* n.º 2/2010, *Sigma* n.º 2/2011

Índice de penetração

Em linha com a tendência observada nos últimos anos, as regiões em que se verificam os maiores índices de penetração de seguros (prémios / PIB) são a América do Norte (7,9%), a Europa Ocidental (8,4%), bem como o Japão e as novas economias industrializadas asiáticas (10,6%). Estes valores comparam com igual índice a nível mundial (6,9%).

Ordenando os países em função deste indicador, constata-se que a primeira posição continua a ser ocupada por Taiwan, seguido da África do Sul (que ocupava o quarto lugar em 2009, trocando agora de posição com a Holanda) e do Reino Unido (país que manteve o terceiro lugar). Portugal está agora no 11.º lugar, tendo ascendido duas posições face ao ano anterior.

Índice de densidade

O índice de densidade de seguros (prémios / população residente) assume igualmente os valores mais expressivos nas regiões já referidas (3 724 USD na América do Norte, 2 890 USD na Europa Ocidental e 3 733 USD no Japão e novas economias industrializadas asiáticas), embora seja também de destacar a posição da Oceânia nesta análise, com prémios *per capita* superiores a 2 200 USD.

No que concerne a este indicador, as três primeiras posições do *ranking* por país são ocupadas pela Suíça (6 634 USD), Holanda (5 845 USD) e Luxemburgo (5 653 USD), ocupando Portugal o 25.º lugar.

2.1.2.2. Posicionamento de Portugal no mercado segurador da União Europeia

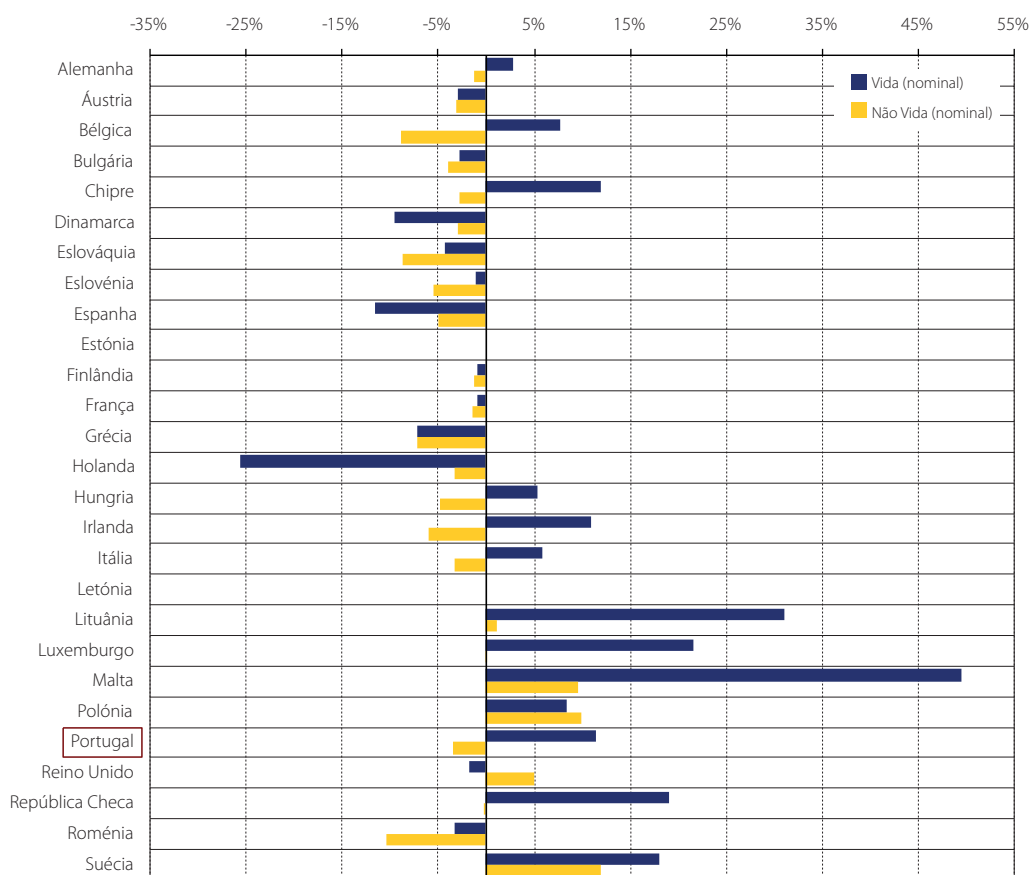
Produção na UE/27 Neste subcapítulo é efetuado o enquadramento do mercado português no âmbito da UE, considerando os 27 países que a compõem.

O volume da produção de seguros ao nível da UE apresentou um crescimento de 0,04% em termos nominais (produção em USD).

No caso do ramo Vida, os países onde se verificaram as reduções mais acentuadas em termos nominais foram a Holanda, a Espanha e a Dinamarca. No sentido inverso, houve vários países a atingir taxas de crescimento próximas dos 20% – como é caso da Suécia (18,1%), da República Checa (19,1%) e do Luxemburgo (21,5%). Saliente-se ainda a existência de países com aumentos de produção na ordem dos 31% (Lituânia) ou mesmo 49,5% (Malta).

Em relação aos ramos Não Vida, as variações não são tão expressivas, sendo importante destacar que apenas seis países registaram uma evolução positiva em termos nominais. Destes, a Suécia foi o país que apresentou a taxa de crescimento mais alta (12%), seguindo-se-lhe a Polónia (9,9%) e Malta (9,6%).

Gráfico 2.3 Crescimento da produção na União Europeia



Fonte: Swiss Re, Sigma n.º 2/2011

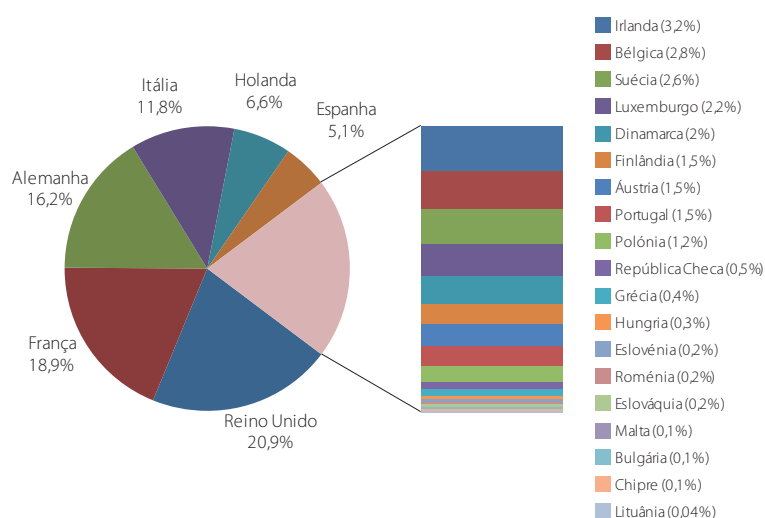
O ranking dos países da UE com maior quota de mercado manteve-se praticamente inalterado, quer em termos de posição, quer de valores relativos. Note-se que as primeiras seis posições somam 79,5% de quota de mercado, face a 80,4% em 2009.

Efetuada a análise por ramos, verifica-se que, no caso do ramo Vida, o Reino Unido continua a ocupar a primeira posição (23,4%), embora seja seguido de muito perto pela França (21,1%). Estes valores são ambos bastante próximos dos que se haviam registado em 2009.

Em relação aos ramos Não Vida, a Alemanha manteve uma quota de mercado de 22%, continuando, assim, a estar no primeiro lugar. Seguem-se-lhe o Reino Unido (16,9%) e a França (15,4%), também neste caso com valores semelhantes aos de 2009.

Portugal ascendeu uma posição, ocupando agora o 13.º lugar do *ranking* da produção total, bem como no caso dos ramos Vida e Não Vida, com quotas de mercado de 1,8% e 1%, respetivamente.

Gráfico 2.4 Quota de mercado na União Europeia

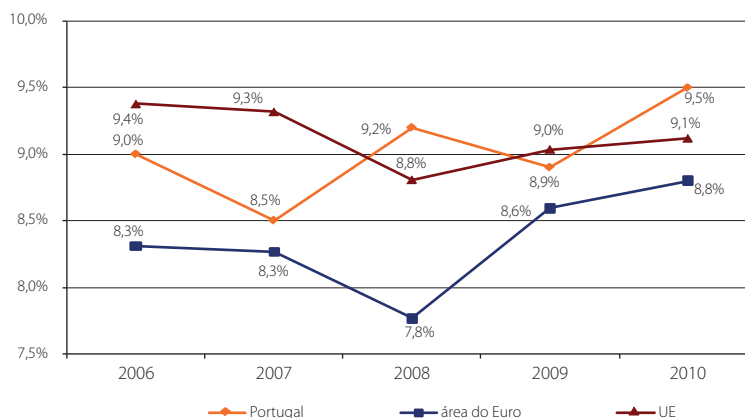


Fonte: Swiss Re, Sigma n.º 2/2011

Índice de penetração

O índice de penetração de seguros registou uma evolução positiva, quer ao nível da UE como um todo, quer no conjunto de países aderentes ao Euro. No caso de Portugal, este indicador apresentou um crescimento expressivo, o que ter-se-á ficado a dever, essencialmente, ao facto de o volume da produção ter subido a uma taxa superior à do aumento do PIB.

Gráfico 2.5 Índice de penetração (Total de prémios / PIB)



Fonte: Swiss Re, Sigma n.º 4/2007, Sigma n.º 3/2008, Sigma n.º 3/2009, Sigma n.º 2/2010, Sigma n.º 2/2011

Os valores representados no gráfico foram calculados com base na composição dos agregados para cada um desses anos. Assim sendo, é de referir a entrada na UE da Bulgária e da Roménia em 2007 e a adesão ao Euro da Eslovénia em 2007, do Chipre e de Malta em 2008 e da Eslováquia em 2009.

O montante de prémios *per capita* (em euros) evoluiu, em 2010, de forma positiva em relação à situação ocorrida em 2009 nos universos em análise.

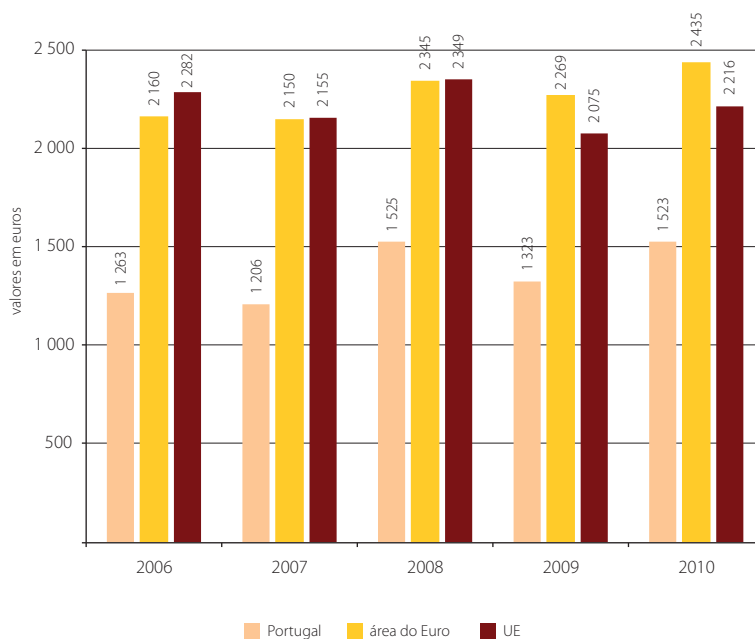
Com efeito, considerando os valores em euros verifica-se um aumento da produção em termos globais de 7,3% para a área do Euro e de 7,9% para o total de países da UE.

Índice de densidade

Analisando o índice de densidade por país, constata-se que a Holanda e o Luxemburgo são os países que apresentam os valores mais altos, superando os 4 000 euros (4 375 euros e 4 231 euros, respetivamente). Há ainda outros seis países que apresentam valores superiores a 3 000 euros, como é o caso da Dinamarca (3 805 euros), do Reino Unido (3 365 euros), da Irlanda (3 216 euros), da França (3 133 euros), da Finlândia (3 129 euros) e da Suécia (3 055 euros).

No extremo oposto estão países que apresentam um volume de prémios *per capita* que rondam os 100 euros, tais como a Roménia (92 euros), a Bulgária (114 euros) e a Lituânia (134 euros).

Gráfico 2.6 Índice de densidade (Total de prémios / População residente)



Fonte: Swiss Re, Sigma n.º 4/2007, Sigma n.º 3/2008, Sigma n.º 3/2009, Sigma n.º 2/2010, Sigma n.º 2/2011

As taxas de câmbio utilizadas são as publicadas pelo BdP no último dia útil do ano a que dizem respeito.

Os valores representados no gráfico foram calculados com base na composição dos agregados para cada um desses anos. Assim sendo, é de referir a entrada na UE da Bulgária e da Roménia em 2007 e a adesão ao Euro da Eslovénia em 2007, do Chipre e de Malta em 2008 e da Eslováquia em 2009.

Índice de penetração vs. índice de densidade

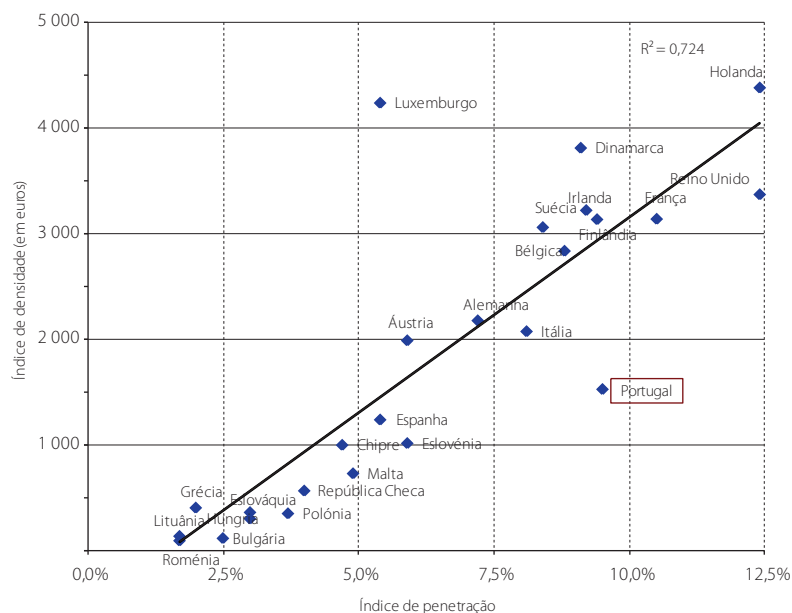
Contraopondo a informação relativa aos índices de densidade e de penetração de cada um dos países da UE, obtém-se o gráfico de dispersão que se apresenta seguidamente.

Este gráfico permite concluir que, no ano 2010, a posição relativa entre os vários países não se alterou significativamente face à registada em 2009.

Com efeito, continua a verificar-se que a Holanda é o país que tem, em simultâneo, os mais elevados índices de densidade e de penetração. O Luxemburgo continua a manter-se distanciado da reta de regressão, pelo facto de apresentar um índice de densidade elevado. Pelo contrário, o afastamento de Portugal daquela reta resulta de uma situação inversa, ou seja, um baixo índice de densidade, dado o índice de penetração, que aumentou em 2010.

Continua a haver um grupo significativo de países que se posicionam na parte inferior esquerda do gráfico, pelo facto de apresentarem valores baixos para ambos os indicadores.

Gráfico 2.7 Índice de penetração vs. índice de densidade



Fonte: Swiss Re, Sigma n.º 2/2011

As taxas de câmbio utilizadas são as publicadas pelo Bdp no último dia útil do ano a que dizem respeito.

Peso do ramo Vida vs. ramos Não Vida

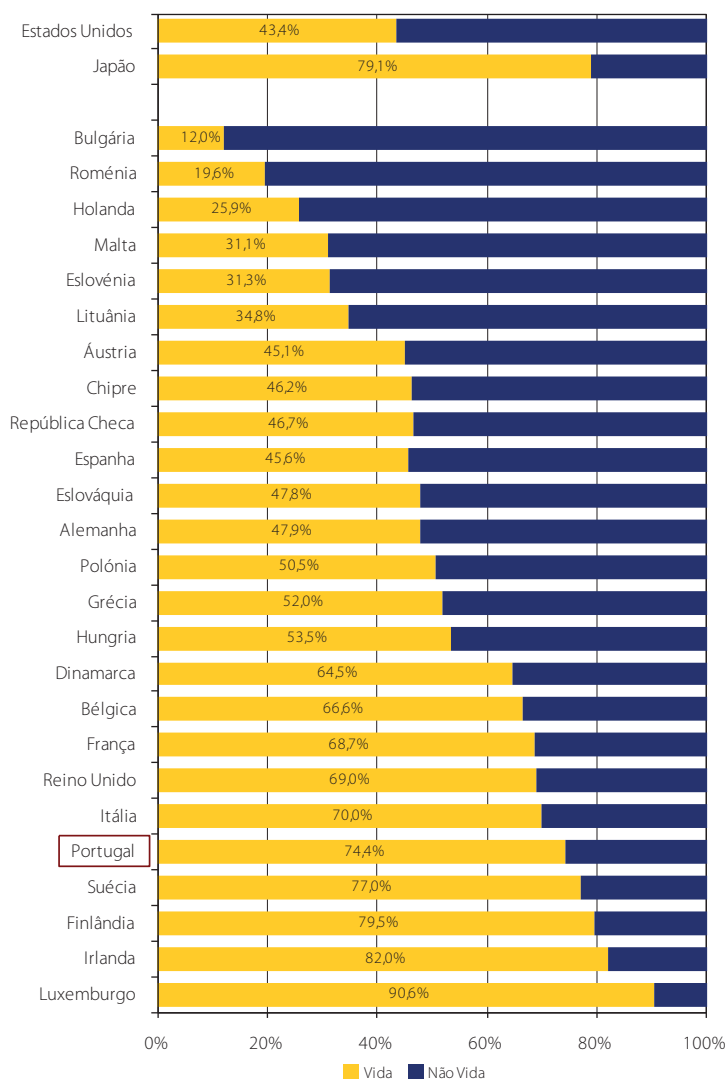
Tal como referido anteriormente, o volume da produção no espaço da UE subiu 0,04% em termos nominais, o que corresponde a um montante de 638 milhões de USD. Analisando esta informação por ramos, constata-se que a evolução foi impulsionada pelo ramo Vida, segmento onde a produção superou os 7 200 milhões de USD (correspondendo a um crescimento de 0,8% face a 2009). Em sentido inverso, no caso dos ramos Não Vida o montante de prémios emitidos decresceu 1,2%, o que equivale a 6 640 milhões de USD.

Esta situação pouco influenciou a estrutura de ramos de cada um dos países da UE, apesar de se terem observado ligeiros aumentos na parcela respeitante ao ramo Vida. O Luxemburgo continua a ser o Estado-Membro onde o peso deste ramo é mais preponderante, mantendo-se as cinco primeiras posições do ranking do ano anterior. Destaca-se ainda a Holanda, que ocupa agora um dos últimos lugares, dado que o peso relativo do ramo Vida passou de 31,2% para 25,9%.

Comparando os valores obtidos para os membros da UE com os registados em dois outros países com expressão no mercado segurador internacional – Estados Unidos da América (EUA) e Japão –, constata-se que em ambos os casos se verificou um ligeiro aumento da proporção relativa do ramo Vida (apenas 0,2 pontos percentuais nos dois).

A análise deste gráfico à luz da teoria que defende que o nível de representatividade do ramo Vida face aos ramos Não Vida permite aferir da evolução de um mercado poderá induzir ilações incorretas. Com efeito, há que considerar o papel social específico que os seguros desempenham em cada sociedade e as particularidades de cada mercado, designadamente a importância dos seguros ligados ao crédito (em especial em países com elevados níveis de endividamento), a estrutura do sistema de pensões e a existência de coberturas obrigatórias (por exemplo, acidentes de trabalho), as quais podem influenciar as conclusões retiradas.

Gráfico 2.8 Estrutura ramo Vida / ramos Não Vida



Fonte: Swiss Re, Sigma n.º 2/2011

PIB *per capita* vs. índice de densidade

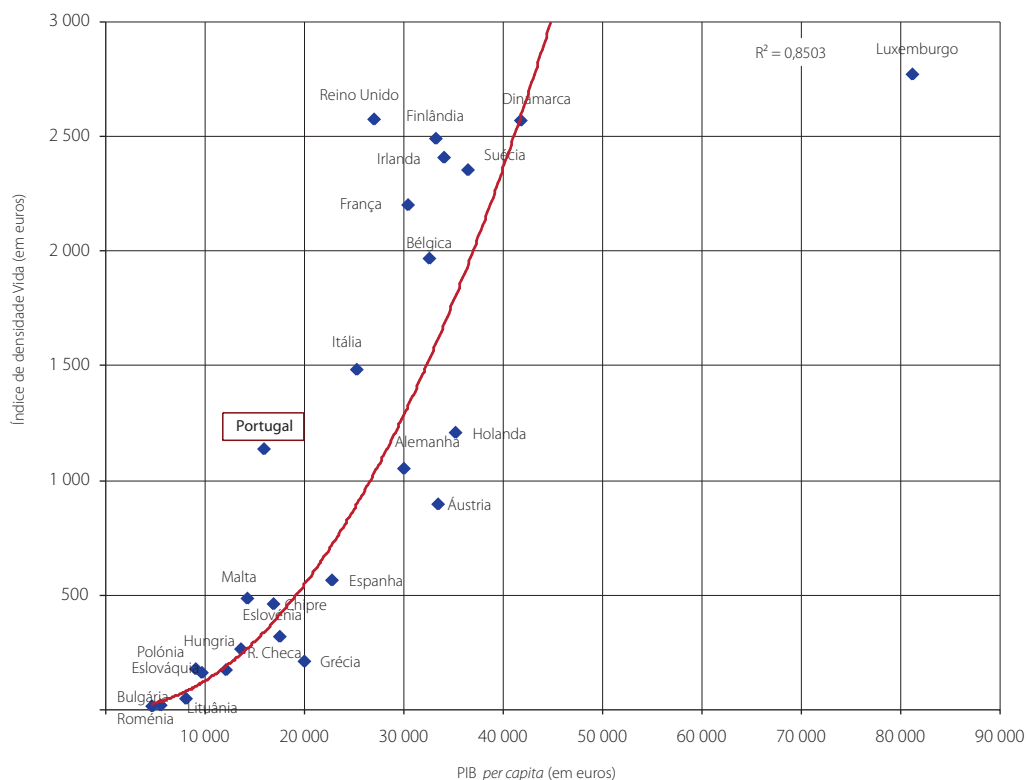
Nos próximos dois gráficos contrapõem-se os valores do PIB *per capita* com os resultados obtidos para o índice de densidade, quer no ramo Vida, quer nos ramos Não Vida, para cada um dos Estados-Membros da UE.

No caso do ramo Vida, pretende-se verificar se o nível de riqueza está associado a uma maior procura de seguros neste segmento, resultando do Gráfico 2.9 que esta relação não é linear. Com efeito, de um ajustamento a uma função linear resultaria um coeficiente de regressão de 63,4%, enquanto a utilização de uma função potencial deu origem a um valor para R^2 de 85%.

Note-se, contudo, que o Luxemburgo é um *outlier* evidente nesta análise. Esperar-se-ia que, para o nível de riqueza da população, a produção de seguros no ramo Vida fosse mais elevada. No entanto, é de salientar que o volume da produção considerado para

este país inclui somente a atividade no mercado luxemburguês, que representa apenas 6,1% do total da produção das empresas de seguros que atuam no ramo Vida naquele país.

Gráfico 2.9 PIB *per capita* vs. índice de densidade Vida

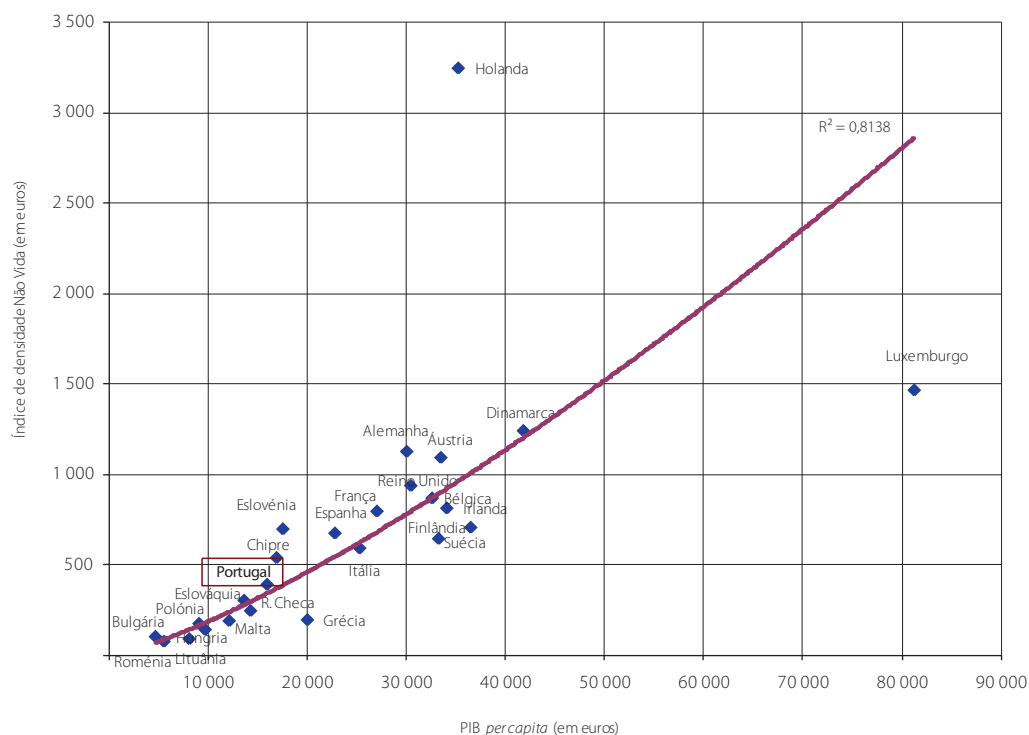


Fonte: Swiss Re, Sigma n.º 2/2011

A realização de uma análise semelhante para os ramos Não Vida permite concluir também que a relação entre o PIB *per capita* e o índice de densidade não é linear. Com efeito, o ajustamento a uma função linear teria dado origem a um coeficiente de regressão de 39,6%, enquanto a utilização de uma função potencial gerou um R^2 de 81,4%.

Ainda assim, o declive da função é inferior àquele que se registou no ramo Vida, o que significa que, para os ramos Não Vida, o impacto de uma variação da riqueza sobre a produção de seguros é menor.

Mais uma vez importa assinalar a presença de alguns *outliers*, como é o caso do Luxemburgo e da Holanda, embora por situações diferentes. No entanto, a distribuição dos restantes Estados-Membros em torno da tendência apresenta-se mais concentrada do que o verificado no ramo Vida.

Gráfico 2.10 PIB *per capita* vs. índice de densidade Não Vida

Fonte: Swiss Re, *Sigma* n.º 2/2011

A análise dos dois gráficos anteriores permite concluir que a variação, ainda que ligeira, do PIB *per capita* de determinado país origina um impacto positivo na sua produção de seguros. Tal facto é mais significativo no caso do ramo Vida, em que a variação esperada é tanto maior quanto mais elevado for o valor do PIB *per capita*.

2.2. Estrutura do mercado segurador nacional

Na análise efetuada neste subcapítulo considera-se o conjunto de empresas que operam no mercado e a respetiva atividade realizada, quer em território nacional, quer no estrangeiro.

2.2.1. Distribuição das empresas por atividade e forma jurídica

A análise do Quadro 2.2, que detalha os dados apresentados no Quadro 2.1, permite constatar que o número de empresas de seguros a atuar em regime de estabelecimento diminuiu de 87 para 83, em 2010.

O número de operadores que atuam em Portugal em regime de livre prestação de serviços (LPS) passou de 467 para 509.

Quadro 2.2 Número de empresas de seguros e de resseguros a operar em Portugal

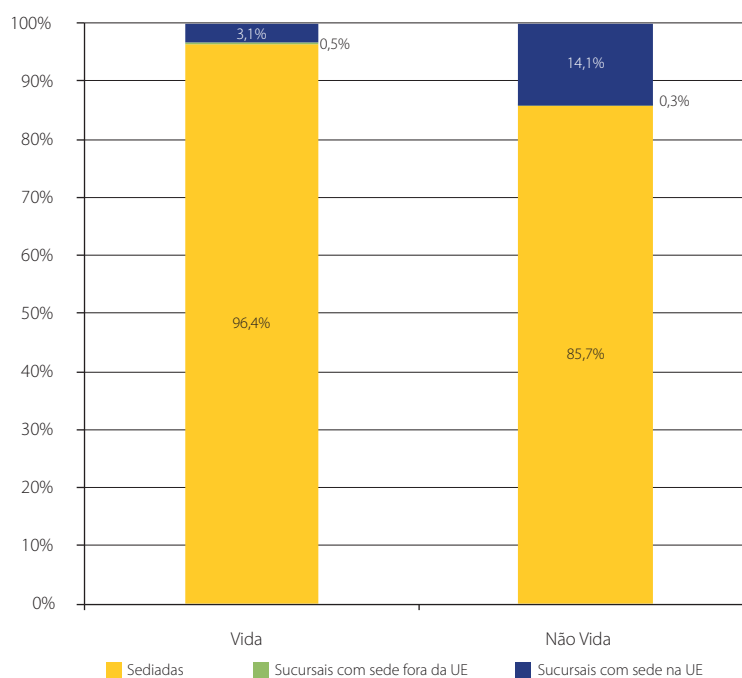
	2008				2009				2010			
	Vida	Não Vida	Mistas	Total	Vida	Não Vida	Mistas	Total	Vida	Não Vida	Mistas	Total
Conjunto				85				87				83
Empresas de direito português				48				47				46
Anónimas	15	25	6	46	16	24	6	46	15	23	7	45
Mútuas				2				1				1
Sucursais de empresas estrangeiras				37				40				37
Com sede na U.E.	7	23	5	35	6	26	6	38	6	26	4	36
Com sede fora da U.E.	0	1	1	2	0	1	1	2	0	0	1	1
Empresas de seguros em LPS				447				467				509

O Gráfico 2.1 evidencia a desagregação entre o volume de negócios das empresas de seguros sediadas em Portugal e o das sucursais de operadores estrangeiros (provenientes de Estados-Membros da UE ou não), quer para o ramo Vida, quer para os ramos Não Vida.

Comparativamente a 2009, e em relação aos ramos Não Vida, há a destacar o facto de a proporção referente à produção das empresas sediadas em Portugal se ter reduzido significativamente (de 92,5% para 85,7%). Por outro lado, no ramo Vida assistiu-se a uma ligeira subida da quota de mercado das entidades sediadas em Portugal, em detrimento das sucursais.

Em termos globais, a quota de mercado das empresas de direito português diminuiu 1,1 pontos percentuais.

Quanto à sucursal de uma empresa de seguros com sede num país externo à UE, a sua posição manteve-se praticamente inalterada, embora tenha havido um pequeno reforço no segmento Não Vida e uma redução no ramo Vida.

Gráfico 2.11 Repartição da produção

No subcapítulo 2.3. deste Relatório é feita uma análise mais detalhada da situação das empresas de seguros e de resseguros sob a supervisão do ISP, ou seja, abrangendo as entidades de direito português e as sucursais de empresas não comunitárias.

2.2.2. Posicionamento no mercado

Neste subcapítulo analisa-se a posição, em termos de *ranking*, das entidades e dos grupos financeiros que, no ano 2010, apresentaram os níveis de produção de seguro direto² mais elevados, face ao verificado em 2009. Esta análise é efetuada para o conjunto da atividade e para cada um dos segmentos Vida e Não Vida. Estes *rankings* não consideram somente empresas que são supervisionadas pelo ISP, mas também as sucursais de empresas estabelecidas em Estados-Membros da UE.

2.2.2.1. Conjunto da atividade

Concentração do mercado segurador português

O grupo de empresas que se situam nos dez primeiros lugares do *ranking* em termos de produção de seguro direto manteve-se inalterado face ao ano transato. No entanto, há a destacar a troca de posições entre a Allianz e a Açoreana, ambas a atuar nos segmentos Vida e Não Vida.

Quadro 2.3 Produção de seguro direto – conjunto da atividade

Posicionamento		Empresa de seguros		Quota de mercado	
2009	2010	Denominação	Natureza	2009	2010
1.º	1.º	Fidelidade-Mundial	Mista	26,5%	31,2%
2.º	2.º	Ocidental Vida	Vida	14,8%	10,5%
3.º	3.º	BES Vida	Vida	8,8%	8,5%
4.º	4.º	Santander Totta Seguros	Mista	6,3%	7,3%
5.º	5.º	BPI Vida	Vida	4,7%	7,2%
Cinco primeiras empresas				61,2%	64,7%
6.º	6.º	Império Bonança	Mista	3,8%	3,2%
8.º	7.º	Allianz Portugal	Mista	3,1%	2,9%
7.º	8.º	Açoreana	Mista	3,1%	2,5%
9.º	9.º	Axa Portugal	Não Vida	2,4%	2,1%
10.º	10.º	Tranquilidade	Não Vida	2,1%	2,0%
Dez primeiras empresas				75,6%	77,3%
Cinco maiores grupos financeiros				70,4%	73,4%

Ao contrário do que se havia verificado no ano anterior, em 2010 assistiu-se a um ligeiro aumento da concentração, quer nos primeiros cinco lugares, quer no que se refere ao *top* 10. O mesmo sucedeu no caso dos cinco maiores grupos financeiros.

Esta observação pode ser detalhada recorrendo aos índices habitualmente utilizados em Economia para esse efeito, embora se deva ter em conta as respetivas formas de interpretação. Assim, para análises cruzadas (por exemplo, entre anos e universos de diferente dimensão) dever-se-á utilizar o índice de Gini³ Quanto ao índice de Hirschman-Herfindahl⁴, este não pode ser interpretado *per se*, permitindo apenas comparar a evolução numa população que mantenha tamanho e estrutura idênticos, preferencialmente em dois períodos muito próximos.

2 Inclui Prémios brutos emitidos de contratos de seguro e receita processada de contratos de investimento e de prestação de serviços.

3 Medida de "desigualdade" que varia entre zero e um, correspondendo o número zero a uma situação de igualdade entre todos os operadores e o valor um a uma situação de desigualdade absoluta (mercado com apenas um operador).

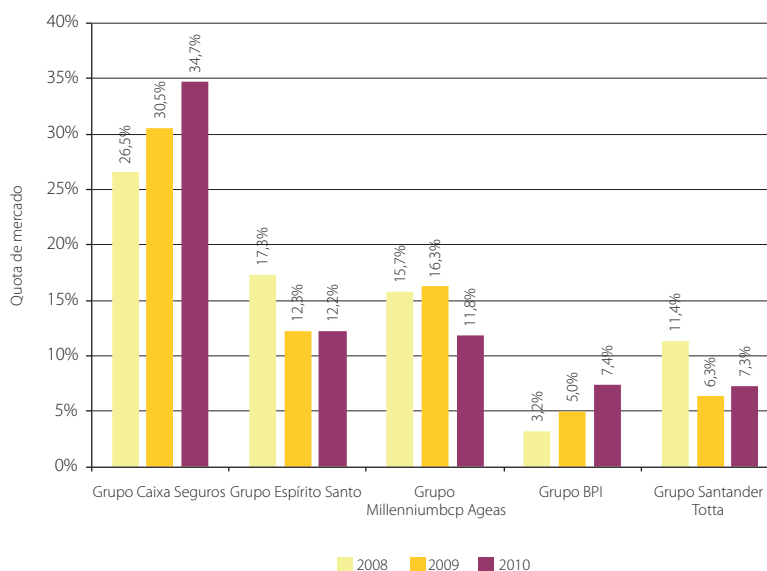
4 Medida do grau de concentração de um mercado, cujo valor varia entre o inverso do número de empresas do mercado (situação em que nenhuma empresa é dominante) e 1 (situação de monopólio).

Tendo em conta estas ressalvas, o facto é que ambos os indicadores levam a crer que ocorreu um aumento da concentração, ainda que ligeira. Com efeito, em relação ao conjunto de empresas que atua no mercado nacional, o índice de Gini apresenta um valor de 0,8176 (face a 0,8067 em 2009) e o índice de Hirschman-Herfindahl foi de 0,1318 (0,1130 em 2009), o qual relaciona com um mínimo teórico de 0,0133 (em ambos os anos em análise).

Posicionamento dos grupos financeiros (conjunto da atividade)

O crescimento da quota de mercado dos cinco maiores grupos financeiros ter-se-á ficado a dever, essencialmente, ao reforço da posição da Caixa Seguros e do BPI, bem como, em menor escala, do grupo Santander Totta. Note-se ainda a troca de posições entre estes dois últimos grupos, assim como entre os grupos Espírito Santo e Millenniumbcp Ageas.

Gráfico 2.12 Produção de seguro direto – conjunto da atividade



2.2.2.2. Ramo Vida

Concentração no ramo Vida

Também no ramo Vida se assistiu a um aumento da concentração das cinco empresas de topo no *ranking* de produção de seguros. O mesmo sucede quando se consideram os dez primeiros lugares. No entanto, apesar de a ordem das primeiras seis posições se ter mantido inalterada, é de referir o reforço da Fidelidade-Mundial, da Santander Totta Seguros e da BPI Vida, em detrimento da Ocidental Vida, da BES Vida e, embora em menor escala, da Barclays Vida e Pensiones. Esta última é a única sucursal que ocupa um lugar no *top 10* em termos de mercado nacional no segmento Vida.

Além de algumas trocas entre a sétima, oitava e nona posições, é de referir a entrada da Allianz Portugal neste *ranking*, o que implicou a saída da Eurovida.

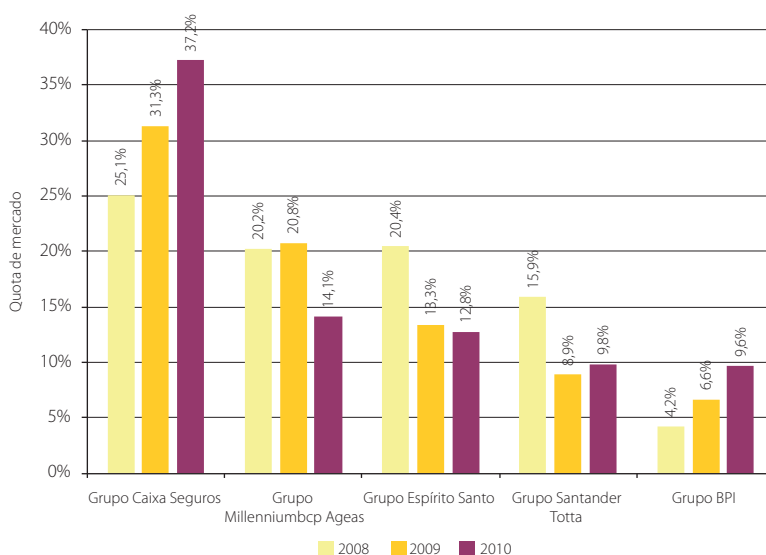
Quadro 2.4 Produção de seguro direto – atividade Vida

Posicionamento		Empresa de seguros		Quota de mercado	
2009	2010	Denominação	Natureza	2009	2010
1.º	1.º	Fidelidade-Mundial	Mista	29,9%	36,0%
2.º	2.º	Ocidental Vida	Vida	20,8%	14,1%
3.º	3.º	BES Vida	Vida	12,3%	11,4%
4.º	4.º	Santander Totta Seguros	Mista	8,9%	9,8%
5.º	5.º	BPI Vida	Vida	6,6%	9,6%
Cinco primeiras empresas				78,5%	80,9%
6.º	6.º	Barclays Vida e Pensiones	Vida	2,7%	2,5%
9.º	7.º	Crédito Agrícola Vida	Vida	2,0%	2,1%
7.º	8.º	Açoreana	Mista	2,6%	1,8%
8.º	9.º	Axa Portugal Vida	Vida	2,1%	1,8%
11.º	10.º	Allianz Portugal	Mista	1,5%	1,5%
Dez primeiras empresas				89,5%	90,6%
Cinco maiores grupos financeiros				80,9%	83,5%

Esta análise é corroborada pelos resultados obtidos para os índices acima descritos. Com efeito, para o conjunto de empresas que exercem a sua atividade no ramo Vida obtém-se um valor de 0,7682 para o índice de Gini (0,7549 em 2009), enquanto o índice de Hirschman-Herfindahl totaliza 0,1842 (0,1636 em 2009), o qual compara, em ambos os anos, com um mínimo teórico de 0,0323.

Posicionamento dos grupos financeiros no ramo Vida

A posição relativa dos cinco maiores grupos financeiros manteve-se inalterada face a 2009. Ainda assim, é de destacar o reforço da Caixa Seguros, em detrimento do Millenniumbcp Ageas. Também o grupo Espírito Santo viu reduzir, ligeiramente, a sua quota de mercado, ao contrário dos grupos Santander Totta e BPI.

Gráfico 2.13 Produção de seguro direto – atividade Vida

2.2.2.3. Ramos Não Vida

a) Total do mercado

Concentração no agregado Não Vida

Ao contrário do que ocorreu para o ramo Vida, bem como para o conjunto da atividade, registou-se uma redução, embora pouco material, da concentração no top 5 das

empresas que operam no segmento Não Vida. O mesmo sucede caso se considerem os dez primeiros lugares. As posições relativas mantiveram-se inalteradas, sendo atualmente a Zurich a única sucursal a ocupar um lugar nos cinco primeiros.

Note-se que apenas a Tranquilidade, a Ocidental Seguros, a Açoreana e a Liberty viram as suas quotas de mercado reforçadas, ainda que de forma ligeira.

O índice de Gini reduziu de 0,7357 (em 2009) para 0,7338 (em 2010). Do mesmo modo, também o índice de Hirschman-Herfindahl sofreu um decréscimo de 0,0772 para 0,0746, em igual período. Estes valores comparam com mínimos teóricos de 0,0192 e 0,0189, respetivamente.

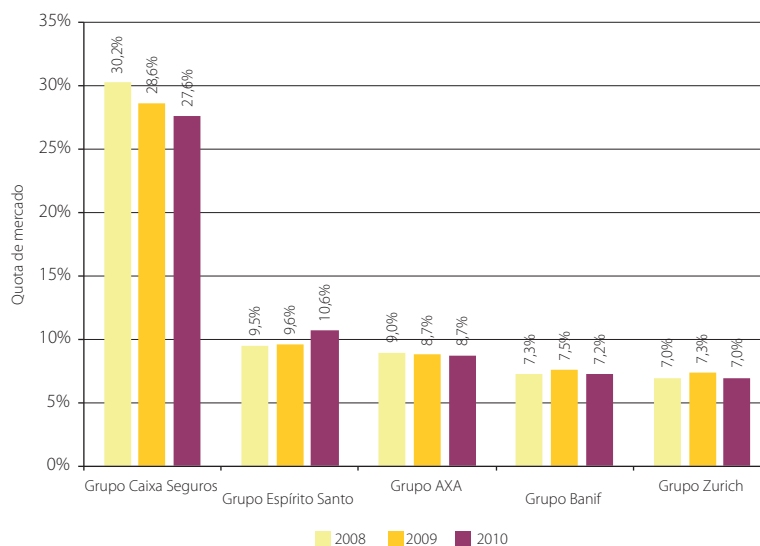
Quadro 2.5 Produção de seguro direto – atividade Não Vida

Posicionamento		Empresa de seguros		Quota de mercado	
2009	2010	Denominação	Natureza	2009	2010
1.º	1.º	Fidelidade-Mundial	Mista	17,9%	17,3%
2.º	2.º	Império Bonança	Mista	9,8%	9,3%
3.º	3.º	Axa Portugal	Não Vida	8,3%	8,2%
4.º	4.º	Tranquilidade	Não Vida	7,4%	7,7%
5.º	5.º	Zurich Insurance PLC	Não Vida	7,3%	7,0%
Cinco primeiras empresas				50,7%	49,4%
6.º	6.º	Allianz Portugal	Mista	6,9%	6,9%
7.º	7.º	Lusitania	Não Vida	5,6%	5,5%
8.º	8.º	Ocidental Seguros	Não Vida	4,7%	5,0%
9.º	9.º	Açoreana	Mista	4,3%	4,4%
10.º	10.º	Liberty	Mista	3,8%	4,1%
Dez primeiras empresas				76,1%	75,3%
Cinco maiores grupos financeiros				61,8%	61,1%

Posicionamento dos grupos financeiros no ramo Vida

Também os principais grupos financeiros constituídos por empresas que operam no segmento Não Vida viram a sua quota de mercado reduzir-se em 0,7 pontos percentuais. No top 5 há a destacar a entrada do grupo Banif e a saída do grupo Allianz. Refira-se ainda que o grupo Espírito Santo foi o único que aumentou o seu peso relativo em relação ao ano 2009.

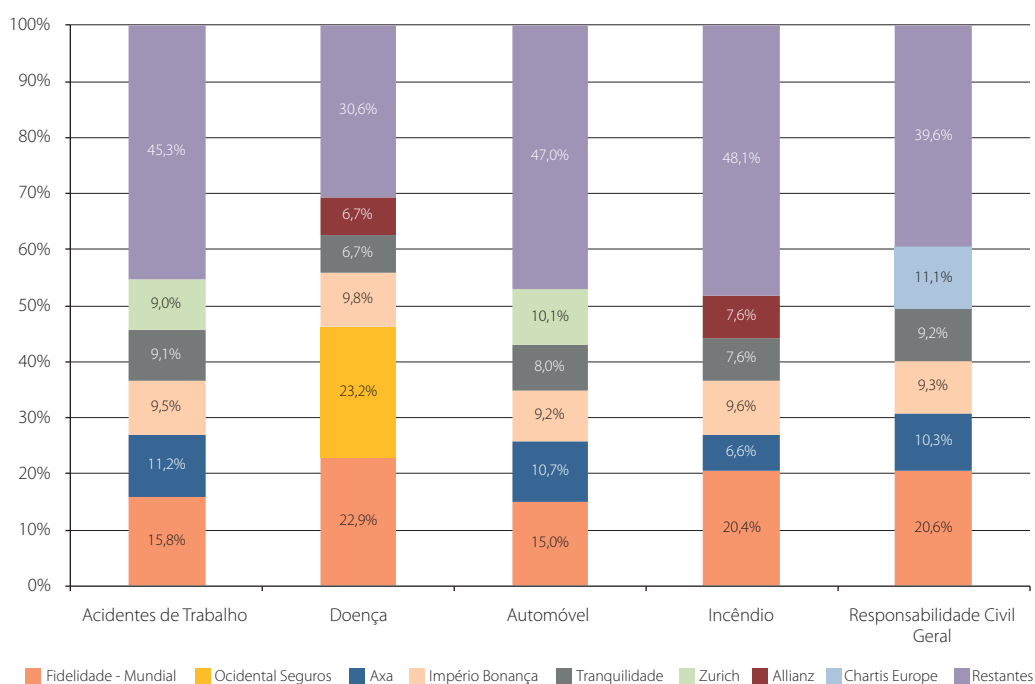
Gráfico 2.14 Produção de seguro direto – atividade Não Vida



b) Análise da concentração por ramos Não Vida

Tendo em consideração que os ramos que constituem o segmento Não Vida têm características muito específicas, o Gráfico 2.15 apresenta as quotas de mercado das cinco empresas de seguros que constituem o *top 5* em cada um dos ramos mais representativos. As empresas não incluídas neste universo foram agregadas na rubrica Restantes.

Gráfico 2.15 Produção de seguro direto dos principais ramos Não Vida



Em linha com o que tem vindo a suceder em anos anteriores, o grupo de empresas que compõem o *top 5* mantém-se relativamente estável no que respeita aos ramos Doença, Automóvel, Incêndio e Outros Danos em Coisas e Responsabilidade Civil Geral, assim como à modalidade Acidentes de Trabalho. Ainda assim, há um conjunto de alterações que merece ser destacado.

Nos segmentos analisados, verifica-se que onde se denota uma maior concentração nos cinco maiores operadores em relação ao total da produção continua a ser no ramo Doença. Inversamente, refira-se que o grupo de ramos Incêndio e Outros Danos em Coisas, bem como o ramo Automóvel, são aqueles em que as cinco primeiras entidades detêm uma menor quota de mercado. Comparativamente aos dados de 2009, saliente-se que nos ramos observados houve uma diminuição da concentração nas cinco primeiras posições.

Acidentes de Trabalho

No que se refere à modalidade Acidentes de Trabalho, voltou a verificar-se, em 2010, uma redução da concentração no *top 5* (3,4 pontos percentuais). Deste modo, as cinco maiores empresas passaram a representar 54,7% do mercado (58,1% em 2009). Com exceção da troca de posições entre a Tranquilidade e a Zurich, o conjunto de entidades que integram este *ranking* manteve-se inalterado. Apesar de continuar na liderança, a Fidelidade-Mundial perdeu 1,6 pontos percentuais de quota de mercado na modalidade em causa, representando 15,8% do total.

O índice de Gini evidencia um valor de 0,479 (face a 0,4459 em 2009), enquanto o índice de Hirschman-Herfindahl representa 0,0872 (0,0923 em 2009), face a um mínimo teórico de 0,05 (0,0556 em 2009).

Doença Tal como já referido, o ramo Doença é aquele que verifica uma maior concentração ao nível das cinco empresas com mais peso no mercado, tendo, no entanto, registado uma ligeira redução, de 70,2% em 2009 para 69,4% em 2010.

Em termos de constituição do *top 5*, registou-se a entrada da Tranquilidade para o quarto lugar, assumindo uma quota de 6,7% (face a 6,5% no ano anterior, ao que se associou a sexta posição do *ranking*), enquanto a Victoria deixou de figurar no mesmo. Deste modo, a Allianz desceu um lugar face a 2009, passando para quinto. Por seu turno, a Ocidental viu reforçar a sua posição no mercado com um incremento de quota de 0,5 pontos percentuais, ocupando a liderança do *ranking* e relegando a Fidelidade-Mundial para a segunda posição, com uma perda de quota de 1,5 pontos percentuais.

O índice de Gini para este segmento foi de 0,6193 em 2010, sendo o mais significativo dos ramos Não Vida em análise, consubstanciando um acréscimo, ainda que ligeiro, face ao ano transato (0,6144 em 2009). O índice de Hirschman-Herfindahl apresentou um valor de 0,1359 em 2010 (para um mínimo teórico de 0,0476), enquanto em 2009 este resultado era de 0,1406 (mínimo teórico de 0,05).

Automóvel Tal como nos ramos analisados anteriormente, também a concentração no ramo Automóvel sofreu um ligeiro decréscimo face a 2009 (3,7 pontos percentuais), tendo as cinco primeiras empresas deste *ranking* específico passado a representar 53% do mercado.

A constituição deste *top 5* manteve-se inalterada, com todas as empresas que figuram neste a registar reduções nas respetivas quotas, com exceção da Tranquilidade (aumento de 0,3 pontos percentuais). Deste modo, a Fidelidade-Mundial continua no primeiro lugar, apesar da perda de 2,5 pontos percentuais na sua quota de mercado (17,5% em 2009).

O índice de Gini evidencia um valor de 0,5265 (face a 0,5381 em 2009) e o índice de Hirschman-Herfindahl foi calculado em 0,0794 (0,0873 em 2009), com um mínimo teórico de 0,04 (0,0417 em 2009).

Incêndio e Outros Danos As cinco primeiras empresas do *ranking* que exercem atividade neste grupo de ramos tiveram uma quota de mercado de 51,9% em 2010, dois pontos percentuais abaixo do verificado em 2009.

Em 2010, à semelhança do observado em anos anteriores no *ranking* das primeiras cinco empresas que atuam neste segmento de negócio, não ocorreram quaisquer alterações, quer em termos de composição, quer na posição relativa. No que se refere às quotas de mercado, é de salientar a redução de 0,3 pontos percentuais no que diz respeito à Fidelidade-Mundial, passando esta empresa a representar 20,4% do universo analisado em relação a este grupo de ramos. De um modo geral, as restantes empresas do *top 5* viram as respetivas quotas decrescer ligeiramente.

Analisando a concentração do mercado para o seguro de Incêndio e Outros Danos em Coisas, obteve-se um índice de Gini de 0,5813 em 2010, face a 0,5867 em 2009. Já o índice de Hirschman-Herfindahl cifrou-se em 0,086 e 0,0879 nestes dois anos, valores que comparam com um mínimo teórico de 0,0345. Ambos os resultados permitem concluir que se verificou uma redução da concentração nesta atividade.

Responsabilidade Civil Geral

O ramo Responsabilidade Civil Geral, ao contrário dos ramos analisados anteriormente, observou uma subida da concentração nas quotas de mercado das cinco primeiras posições do *ranking*, as quais representam agora 60,4% do total (face a 59,3% em 2009).

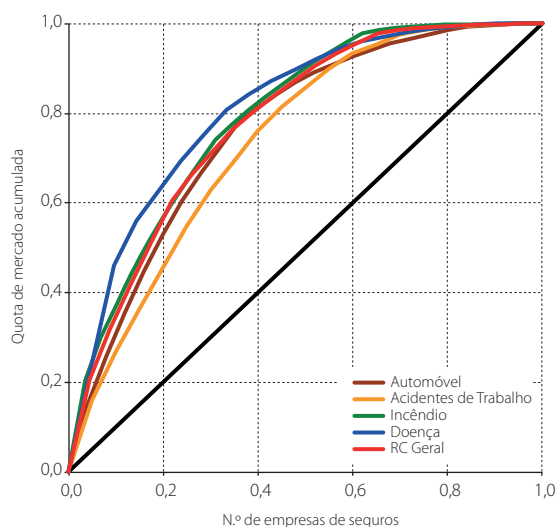
Em termos de composição do *top 5*, regista-se a troca de posições entre a Chartis Europe e a Império Bonança, tendo esta última subido do quarto para o segundo lugar do *ranking*. O primeiro lugar continua a ser ocupado pela Fidelidade-Mundial, que cresceu cerca de 0,5 pontos percentuais face a 2009, passando a deter 20,6% do negócio neste ramo.

A tendência para uma maior concentração é confirmada pela análise do índice de Gini, que aumentou em relação ao ano anterior (0,5622 em 2010, face a 0,5248 em 2009), enquanto o índice de Hirschman-Herfindahl se situou em 0,0978 (para um mínimo teórico de 0,0435), o que compara com 0,0971 no ano transato (mínimo teórico de 0,0476).

Concentração nos principais segmentos Não Vida

O Gráfico 2.16, que representa a Curva de Lorenz para os segmentos de negócio analisados anteriormente⁵, permite confirmar que, em 2010, o ramo Doença foi o que apresentou maior concentração, seguindo-se os seguros de Incêndio e Outros Danos em Coisas, a par do ramo Automóvel e do ramo Responsabilidade Civil Geral. A modalidade Acidentes de Trabalho é a atividade em análise que surge com um menor índice de concentração.

Gráfico 2.16 Curva de Lorenz – concentração dos principais segmentos Não Vida



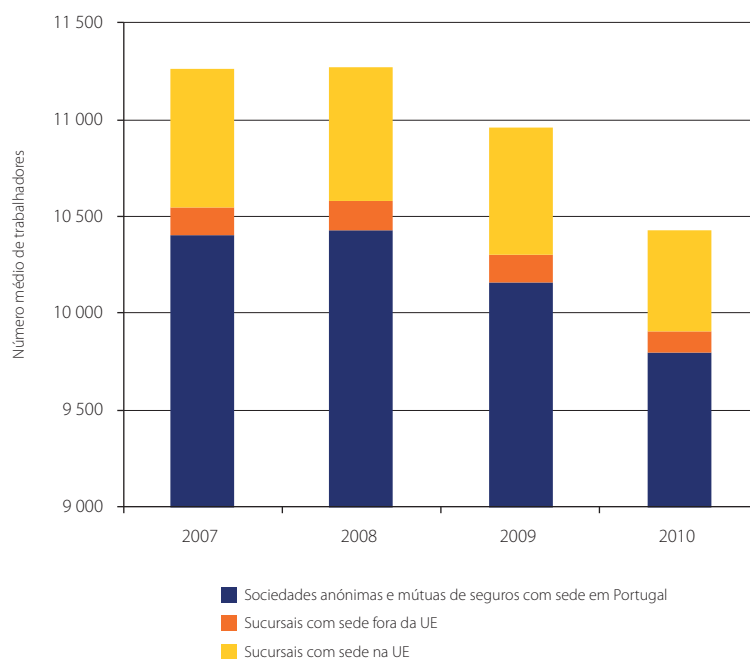
2.2.3. Efetivos

No final do ano 2010, o número total de trabalhadores que, em média, exerceu a sua atividade profissional no setor segurador foi de 10 427. Em termos relativos, pode concluir-se que no ano em análise a proporção de efetivos afetos às empresas de seguros e resseguros de direito português, face ao total, aumentou para 93,9% (92,7% em 2009), enquanto a proporção relativa a sucursais de empresas com sede na UE corresponde a cerca de 5% (menos 1% comparando com 2009). A parcela referente às sucursais de entidades com sede fora da UE responde somente por 1,1% deste total.

⁵ A reta a preto, que divide exatamente a área do gráfico ao meio, corresponde à situação de equilíbrio total, i.e. à situação hipotética em que todas as empresas detêm a mesma quota de mercado. Assim, quanto mais afastada estiver a curva que representa determinada produção daquela bissetriz, mais concentrado é o mercado. Em termos gráficos, o índice de Gini para cada caso corresponde à área que se situa entre a curva respetiva e aquela bissetriz.

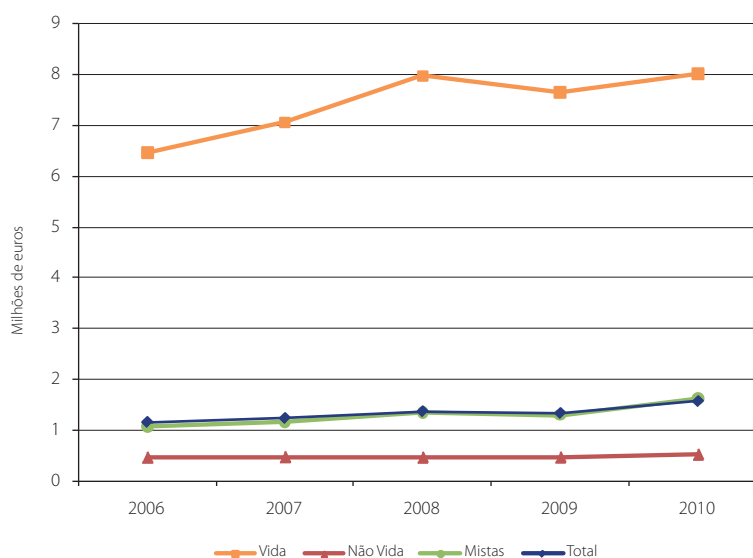
Pela análise do Gráfico 2.17 é possível constatar que o número de efetivos continua a decrescer, tendência que tem vindo a verificar-se desde 2008. Entre 2009 e 2010 esta redução atingiu os 4,8%.

Gráfico 2.17 Evolução do número de efetivos



O Gráfico 2.18 apresenta a evolução da produtividade no setor segurador nacional desde 2006, a qual pode ser medida pelo rácio entre a produção de seguro direto e o número médio de trabalhadores.

Gráfico 2.18 Evolução do rácio produção de seguro direto / número médio de trabalhadores



Face à situação que havia sido registada em 2009, onde se verificou uma contração da produção, motivando uma redução no indicador em causa, no ano 2010 voltou a retomar-se a tendência crescente do rácio em análise.

Realce-se o facto de as empresas que operam exclusivamente no ramo Vida serem aquelas que apresentam maior produtividade. Tal situação deve-se, essencialmente, à natureza do negócio que lhes está associado (e.g. número e valor médio, maturidade e permanência dos contratos), bem como, muito possivelmente, ao modelo de distribuição concentrado no canal bancário. Saliente-se também que é em relação a esse conjunto de empresas que se observa uma maior variabilidade deste indicador, o que se deve unicamente às variações no volume de produção anual, pois no que respeita ao número de efetivos tem-se constatado uma tendência consistente de redução dos postos de trabalho.

Destaque-se ainda que as empresas que exploram os ramos Não Vida são as que mantêm o rácio de produtividade mais homogéneo, enquanto as empresas Mistas evidenciam, à exceção do ano 2009, incrementos anuais progressivos neste rácio.

Tomando em atenção o impacto potencial que a produtividade dos trabalhadores pode ter nos resultados das empresas de seguros, a obtenção de ganhos de produtividade é um fator que poderá contribuir para o incremento da competitividade das empresas no mercado, o que pode ser alcançado através da adoção de políticas de formação e valorização dos recursos humanos, com o objetivo de melhorar os níveis de desempenho dos mesmos.

2.2.4. Internacionalização

Sucursais de empresas portuguesas no estrangeiro

Analisando a produção relativa às empresas de seguros portuguesas que exercem a sua atividade no estrangeiro, é de referir que, em 2010, a entidade que teve mais peso neste aspeto, quer em termos absolutos, quer relativos, foi a Fidelidade-Mundial (1,5% da sua produção global). Esta entidade é a única que detém uma sucursal a operar fora da UE (em Macau), cuja faturação representa 10,3% da produção no estrangeiro.

Quadro 2.6 Atividade das sucursais de empresas de seguros no estrangeiro

		União Europeia				Fora da U.E.	Total
		Bélgica	Espanha	França	Luxemburgo	Macau	
milhões de euros							
Vida	BES Vida	-	1,2	0,0	-	-	1,2
Não Vida	Tranquilidade	-	0,7	-	-	-	0,7
Mistas	Fidelidade-Mundial	-	22,8	48,1	-	8,5	79,5
	Império Bonança	0,0	-	0,0	1,2	-	1,2
Total		0,0	24,8	48,1	1,2	8,5	82,6

No âmbito da atividade em regime de LPS verifica-se que a situação se manteve quase inalterada em relação a 2009. Ainda assim, há a referir o cancelamento das notificações referentes à Zurich, situação que foi contrabalançada com o registo de cinco notificações relativas à Lusitania, passando, deste modo, o seu número total a fixar-se em 63.

Quadro 2.7 Empresas com notificação para operar em LPS

		País de destino													Total			
		Alemanha	Áustria	Bélgica	Dinamarca	Espanha	Finlândia	França	Grécia	Holanda	Irlanda	Itália	Luxemburgo	Noruega		Polónia	Reino Unido	Suécia
Vida	BES-Vida	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
	BPI Vida	1	-	1	-	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	1	-	6
	Generali Vida	1	1	1	1	1	-	1	-	1	1	1	-	-	1	-	-	11
	Ocidental Vida	-	-	1	-	1	-	1	-	-	-	-	1	-	-	1	-	5
	Real Vida	-	-	1	1	1	-	1	-	1	-	-	1	-	-	-	-	6
Não Vida	Cosec	1	-	-	1	1	-	1	-	1	-	-	-	-	1	1	-	7
	Lusitania	1	-	-	-	1	-	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	5
	Mútua dos Pescadores	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	Tranquilidade	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3
Mistas	Fidelidade-Mundial	1	-	1	-	-	-	1	-	1	-	1	2	-	-	1	-	8
	Império Bonança	1	-	1	-	1	-	1	1	1	1	-	1	-	-	1	-	9
Total		6	1	6	3	9	0	11	1	6	2	2	7	1	1	6	1	63

2.3. Situação económica

2.3.1. Análise setorial

Em 2010, os resultados globais alcançados pelas empresas de seguros sob a supervisão do ISP – empresas de direito português e sucursais de entidades não comunitárias – apresentaram-se favoráveis no que se refere tanto ao ramo Vida como aos ramos Não Vida. Em ambos os casos, registou-se um acréscimo dos Resultados técnicos face ao ano anterior.

Produção Relativamente aos Prémios brutos emitidos de seguro direto e às entregas efetuadas para contratos de seguro e operações consideradas para efeitos contabilísticos como contratos de investimento ou de prestação de serviços (doravante designadas de “contratos de investimento”, no caso do ramo Vida, e “contratos de prestação de serviços”, no caso dos ramos Não Vida), verificou-se, em termos globais, um aumento na produção das empresas de seguros de 13,6%. O montante total de produção foi de 15,5 mil milhões de euros.

Esta evolução da produção deveu-se, em grande parte, ao ramo Vida, tanto pelo acréscimo dos prémios de contratos de seguro (20,1%) como das entregas efetuadas para contratos de investimento (16,4%).

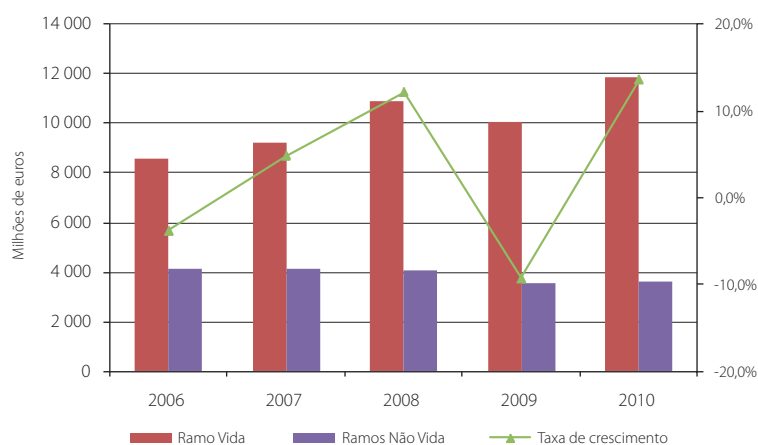
Nos ramos Não Vida assistiu-se a uma subida da produção de aproximadamente 58 milhões de euros, o que representa uma variação positiva de 1,6% face ao ano anterior.

Quadro 2.8 Produção do ramo Vida e dos ramos Não Vida

milhões de euros	2009	2010
Total	13 602	15 455
Ramo Vida	10 043	11 837
Prémios brutos emitidos de contratos de seguro	4 108	4 932
Entregas de contratos de investimento	5 935	6 906
Ramos Não Vida	3 559	3 617
Prémios brutos emitidos de contratos de seguro	3 554	3 614
Entregas de contratos de prestação de serviços	5	3

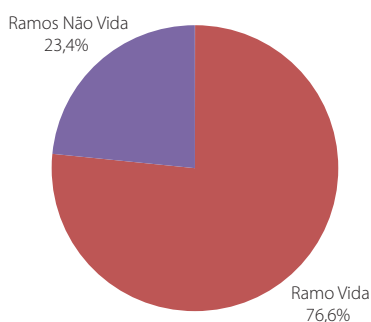
O Gráfico 2.19 mostra a evolução da produção nos últimos cinco anos para os ramos Vida e Não Vida, bem como a taxa de crescimento global da mesma. Assim, é possível constatar, por um lado, o decréscimo da produção dos ramos Não Vida entre o primeiro e o último ano do horizonte temporal em análise e, por outro, a maior volatilidade da produção do ramo Vida.

Gráfico 2.19 Evolução da produção – ramo Vida e ramos Não Vida



A evolução verificada no ramo Vida e nos ramos Não Vida conduziu ao reforço do peso da parcela do primeiro no total da carteira, que passou a representar 76,6% (face a 73,8% em 2009), conforme demonstra o Gráfico 2.20.

Gráfico 2.20 Peso na carteira – Ramo Vida e ramos Não Vida

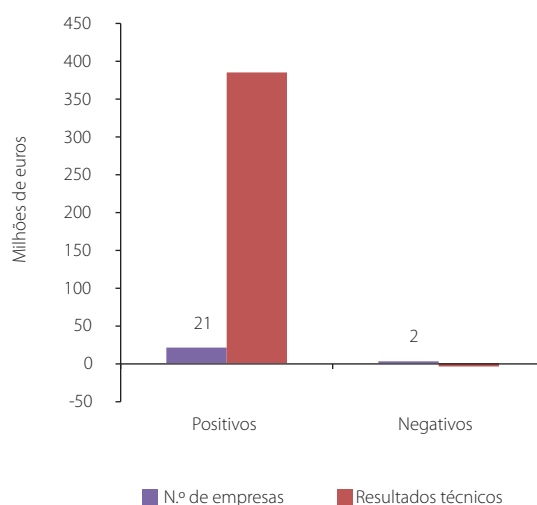


Resultados técnicos À semelhança do observado nos últimos oito anos, as empresas de seguros apresentaram um Resultado técnico global positivo, cujo montante rondou os 440 milhões de euros, correspondendo aproximadamente 87% desse resultado ao ramo Vida.

Deste modo, a Conta técnica do ramo Vida obteve um resultado próximo de 384 milhões de euros, após ter registado em 2009 um Resultado técnico de 216 milhões de euros.

Este aumento ter-se-á ficado a dever à diminuição dos Custos com sinistros (cerca de 19% face ao valor de 2009) e à evolução favorável da componente financeira da Conta técnica. Com efeito, o reconhecimento de imparidades líquidas de reversão decresceu numa proporção em torno de 18%, face a 2009.

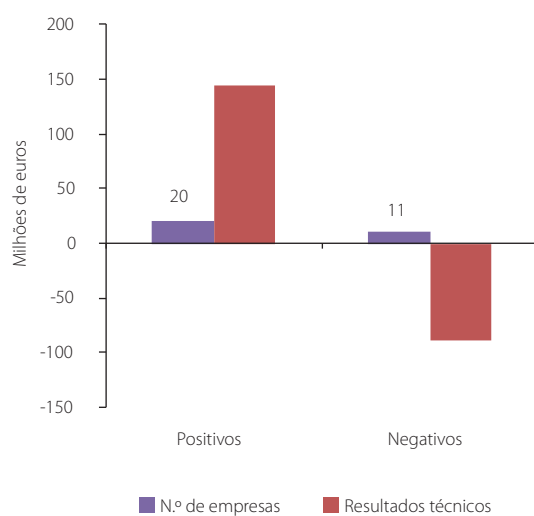
Relativamente aos Resultados técnicos individuais das 23 empresas que exploram o ramo Vida (Gráfico 2.21), em 21 casos evidenciam-se resultados positivos, enquanto em 2009 esse número era de 18.

Gráfico 2.21 Resultados técnicos do ramo Vida

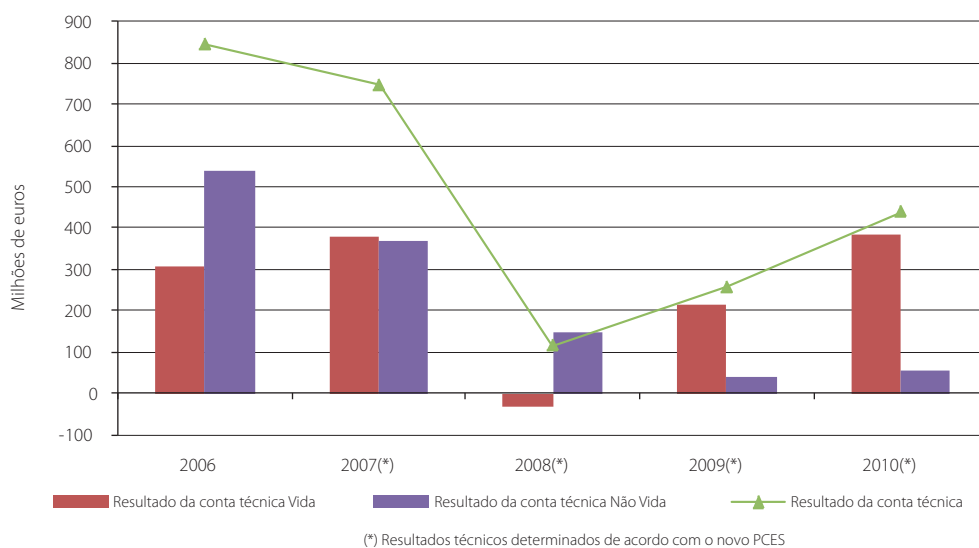
Contrariamente ao que se assistiu nos últimos anos, observou-se um acréscimo nos Resultados da Conta técnica dos ramos Não Vida, que passaram de 40 milhões de euros, em 2009, para 56 milhões de euros, em 2010.

A inversão da tendência que se verificou, apesar do crescimento dos Custos com sinistros, ter-se-á ficado a dever ao incremento dos Prémios adquiridos e da componente financeira da Conta técnica.

Analisando os resultados de forma individual, assistiu-se ao agravamento do número de empresas com resultados negativos, que aumentou para 11, num universo de 31 empresas que apresentaram contas para os ramos Não Vida.

Gráfico 2.22 Resultados técnicos dos ramos Não Vida

O Gráfico 2.23 permite analisar a evolução dos Resultados técnicos do ramo Vida e dos ramos Não Vida para os últimos cinco anos.

Gráfico 2.23 Resultados técnicos – ramo Vida e ramos Não Vida

Resultados líquidos À semelhança do verificado na Conta técnica global, também para a Conta não técnica se apurou um resultado positivo, que deriva sobretudo da sua componente financeira. De facto, se, por um lado, os rendimentos e ganhos líquidos gerados pelos ativos não afetos registaram um aumento superior a 19 milhões de euros, por outro, as perdas de imparidade associadas aos mesmos diminuíram (de 14 para seis milhões de euros, em 2010). Assim, o Resultado antes de impostos foi positivo, cifrando-se em 515 milhões de euros.

O Resultado líquido do exercício correspondeu a 397 milhões de euros, registando-se, deste modo, um crescimento de 79,5% face ao apurado em 2009.

No Quadro 2.9 evidencia-se a estrutura da Conta não técnica, cuja observação permite consolidar as conclusões retiradas.

Quadro 2.9 Estrutura da Conta não técnica

milhões de euros	2009	2010
Resultado da conta técnica Vida	216	384
Resultado da conta técnica Não Vida	40	56
Resultado da conta técnica	256	440
Rendimentos líquidos de gastos e ganhos líquidos de perdas de investimentos	54	73
Perdas de imparidade líquidas de reversão	14	6
Outras provisões (variação)	(12)	(9)
Outros rendimentos / gastos	(1)	(1)
Goodwill negativo reconhecido imediatamente em ganhos e perdas	3	0
Resultado da conta não técnica	54	75
Imposto sobre o rendimento do exercício	89	118
Resultado líquido do exercício	221	397

2.3.2. Exploração técnica por negócios

2.3.2.1. Ramo Vida

A análise do ramo Vida tem em consideração não só a informação financeira referente ao negócio contabilizado como contratos de seguro, mas também, sempre que possível, a relativa aos contratos de investimento.

Produção do ramo Vida

A produção do ramo Vida apresentou um expressivo acréscimo de 17,9%, o que se consubstanciou num aumento de quase 1,8 mil milhões de euros.

Esta evolução deveu-se ao crescimento verificado nas modalidades não ligadas a fundos de investimento, quer sejam contabilizadas como contratos de seguro (cerca de 800 milhões de euros) ou de investimento (1,5 mil milhões de euros), por oposição ao decréscimo apurado em relação às modalidades ligadas a fundos de investimento (aproximadamente 730 milhões de euros). Este padrão comportamental evidencia uma maior preocupação por parte dos tomadores de seguros no que respeita à segurança das suas aplicações, provavelmente em consequência do clima de instabilidade dos mercados financeiros que se tem vivido nos últimos anos.

Registe-se ainda o facto de as operações de capitalização terem apresentado um incremento muito significativo (cerca de 216 milhões de euros), em comparação com o volume de entregas observado no ano anterior.

Da análise do Quadro 2.10 é de destacar o aumento global dos montantes relativos aos seguros do tipo Plano Poupança Reforma (PPR) que, no total, foi de 3,6%. Saliente-se, no entanto, que esta evolução resulta de um crescimento dos prémios de seguros (48,5%) e de uma diminuição das entregas para contratos de investimento (27,4%). O referido acréscimo não evitou uma redução de quase quatro pontos percentuais do peso destes produtos no ramo (excluindo complementares), representando agora 27,7%.

Quadro 2.10 Estrutura da carteira do ramo Vida

milhões de euros	2009	2010	Variação (%)
Prémios brutos emitidos de seguro direto de contratos de seguro	4 108,3	4 931,9	20,0%
Não ligados a fundos de investimento	4 066,1	4 872,2	19,8%
Rendas	37,3	32,6	-12,6%
Tradicionalis, exceto rendas	704,6	735,7	4,4%
Vida inteira e mistos	38,3	40,6	5,9%
Temporários	666,4	695,2	4,3%
Financeiros com participação nos resultados	1 881,7	2 091,5	11,1%
Capitais diferidos	1 810,7	2 017,9	11,4%
<i>Universal life</i>	71,3	73,6	3,2%
Financeiros sem participação nos resultados	37,0	6,2	-83,2%
Capitais diferidos	37,0	6,2	-83,2%
PPR	1 232,4	1 833,8	48,8%
Complementares	173,0	172,3	-0,4%
Ligados a fundos de investimento	42,2	57,6	36,5%
Capitais diferidos	1,5	1,4	-8,0%
PPR	40,3	55,9	38,6%
Outros seguros	0,4	0,4	-8,3%
Operações de Capitalização	0,1	2,1	1990,8%
Não ligadas a fundos de investimento	0,1	2,1	1990,8%
Entregas de contratos de investimento	5 934,3	6 905,6	16,4%
Não ligados a fundos de investimento	3 049,1	4 553,8	49,4%
Capitais diferidos	1 578,4	3 384,7	114,4%
PPR	1 470,7	1 169,2	-20,5%
Ligados a fundos de investimento	2 861,3	2 113,4	-26,1%
Capitais diferidos	2 488,6	1 945,1	-21,8%
PPR	372,7	168,3	-54,8%
Outros seguros	0,0	0,0	-
Operações de Capitalização	24,0	238,3	894,7%
Não ligadas a fundos de investimento	4,6	18,3	297,6%
Ligadas a fundos de investimento	19,4	220,0	1036,8%
Total	10 042,7	11 837,5	17,9%

O peso relativo das rendas sofreu uma ligeira diminuição, verificando-se um decréscimo para 0,3%, enquanto os seguros temporários, essencialmente ligados à contragarantia do crédito à habitação, mantiveram o seu ritmo evolutivo (crescimento de 5% em 2009 e de 4,3% em 2010). Ainda assim, o peso deste tipo de seguros reduziu 0,8 pontos percentuais, para 6%.

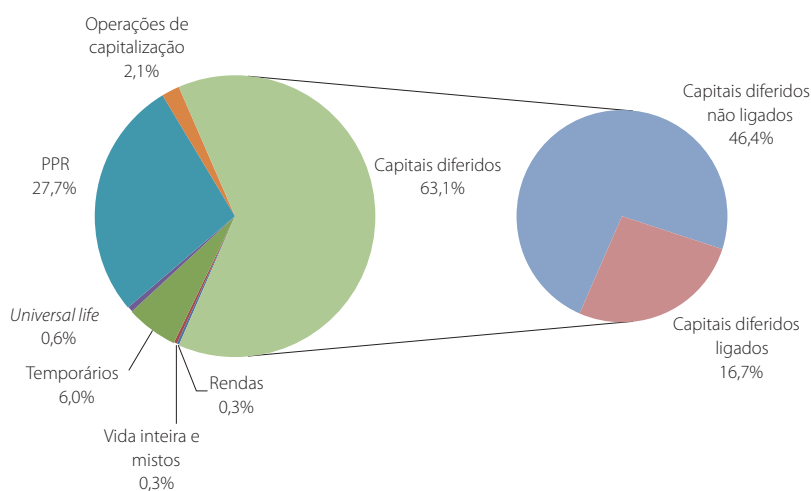
A proporção representada pelo conjunto de seguros de capitais reduziu em 1,7 pontos percentuais, correspondendo agora a 97,7% do total da produção do ramo Vida (excluindo complementares).

Os produtos de forte componente financeira (essencialmente capitais diferidos e operações de capitalização) registaram um crescimento de 27,9%, para cerca de 7,6 mil milhões de euros, representando 65,1% do total.

Os seguros ligados a fundos de investimento (excluindo seguros PPR), na sequência da forte diminuição das entregas, viram o seu peso decrescer em 8,5 pontos percentuais, concentrando, em 2010, 16,7% do total do ramo Vida (excluindo complementares).

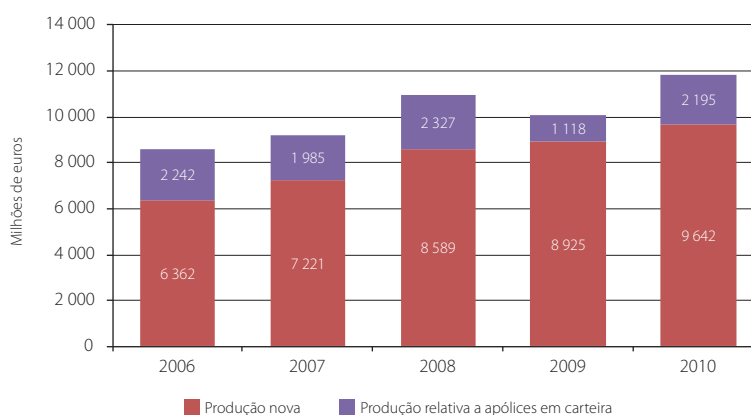
O Gráfico 2.24 ilustra a repartição dos Prémios brutos emitidos de seguro direto e entregas efetuadas para contratos de investimento por modalidade do ramo Vida, tendo-se optado por diferenciar o peso dos produtos ligados e não ligados a fundos de investimento apenas no caso dos capitais diferidos. Isto decorreu do facto de as restantes modalidades serem compostas maioritariamente por produtos não ligados, com exceção das operações de capitalização, em que sucede o contrário.

Gráfico 2.24 Estrutura da carteira de prémios e entregas do ramo Vida (excluindo complementares)



Produção nova Contrariamente aos últimos anos, a representatividade da produção nova no total dos Prémios brutos emitidos e entregas efetuadas para o ramo Vida diminuiu em 2010, para 81,5% (face a 88,9% em 2009).

Esta evolução explica-se com a reduzida produção relativa a apólices em carteira registada no exercício de 2009, que provocou um crescimento significativo no peso da produção nova naquele ano. Em 2010, com a produção continuada a apresentar de novo valores superiores a dois mil milhões de euros, assistiu-se ao aumento percentual deste tipo de produção.

Gráfico 2.25 Produção nova – ramo Vida**Caraterização dos produtos novos**

No ano em análise foram lançados 234 novos produtos, sendo de realçar que uma grande parte destes esteve apenas em comercialização durante o ano, pois no final de 2010 somente 102 permaneciam neste estado.

No que respeita aos produtos não ligados a fundos de investimento, deu-se a apresentação de 97 novos seguros temporários e 59 novos seguros de capitais diferidos. Em relação a estes últimos, a média da taxa técnica utilizada para o cálculo das Provisões matemáticas situou-se nos 2,8%. Saliente-se que somente 22 previam a distribuição de participação nos resultados.

Quanto aos produtos ligados, pode referir-se que a maioria corresponde a seguros de capitais diferidos, tendo sido também lançados quatro novos PPR, um número inferior quando comparado com o do ano anterior (sete).

Quadro 2.11 Produtos novos – ramo Vida

	N.º de produtos	N.º de empresas
Contratos de seguro		
Não ligados a fundos de investimento		
Rendas	6	4
Vida inteira		
Temporários	97	10
Capitais diferidos	27	10
PPR	16	7
Mistos	2	1
<i>Universal Life</i>	1	1
Ligados a fundos de investimento		
Capitais diferidos	3	1
PPR	2	1
Contratos de investimento		
Não ligados a fundos de investimento		
Capitais diferidos	32	5
PPR	7	2
Ligados a fundos de investimento		
Capitais diferidos	37	8
PPR	2	1
Operações de capitalização		
Ligadas a fundos de investimento	2	2

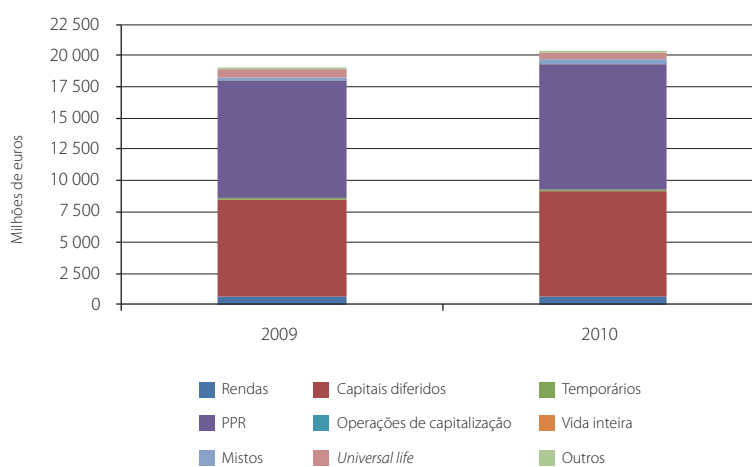
Em 2010 foram comercializadas 27 novas opções de investimento em produtos do tipo PPR, dos quais 16 concediam participação nos resultados, sendo a média da taxa técnica utilizada no cálculo das Provisões matemáticas destes produtos de 2,4%. Nos restantes casos, 11 tinham taxa garantida e uma taxa técnica média de 3%.

Provisão matemática

O total da Provisão matemática ascendeu, em 2010, a 20,3 mil milhões de euros, o que representa um acréscimo de 7,3% face a 2009, fortemente influenciado pelo crescimento dos prémios, conforme espelhado no Quadro 2.10.

O Gráfico 2.26, que apresenta a estrutura da Provisão matemática por tipo de produto, permite constatar que a mesma registou ligeiras alterações que se traduzem num incremento do peso dos seguros de capitais diferidos (0,3 pontos percentuais), em oposição aos seguros do tipo *universal life*, que viram a sua posição recuar na mesma proporção. Já os PPR consolidaram a sua posição em 0,4 pontos percentuais, passando a representar 49,7% do total das Provisões matemáticas.

Gráfico 2.26 Provisão matemática por tipo de produto



Nos Quadros 2.12 e 2.13 apresentam-se as estatísticas relativas à carteira de mercado para o ramo Vida, separando a informação relativa a seguros contabilizados como contratos de seguros ou de investimento.

Seguros individuais

O conjunto dos seguros individuais detinha, no final de 2010, cerca de 82% da produção total do ramo Vida, o que corresponde a um decréscimo de 2,2 pontos percentuais face ao ano anterior. Estes seguros abrangem um universo de cerca de 5,5 milhões de pessoas seguras⁶ e participantes, traduzindo-se num aumento de 7,3% em relação a 2009.

Relativamente aos seguros de capitais, o prémio médio por pessoa, incluindo para efeitos de cálculo as entregas efetuadas para os contratos de investimento e os respetivos tomadores, subiu 5,3%, comportamento semelhante ao verificado pelo prémio médio por contrato. Os capitais médios por pessoa dos seguros de capitais, englobando os passivos financeiros dos seguros contabilizados como contratos de investimento, evoluíram em sentido contrário face aos prémios médios, registando-se um decréscimo de aproximadamente 2%.

De uma forma geral, pode-se concluir que a estrutura proporcional da carteira dos seguros individuais por tipo de produto se manteve bastante próxima da observada em 2009.

⁶ Note-se que o número de pessoas seguras se encontra sobrestimado, na medida em que foram contabilizados todos os contratos de seguro, não se considerando o facto de o mesmo indivíduo poder deter mais do que uma apólice de seguro.

Quadro 2.12 Estatísticas da carteira de mercado – seguros contabilizados como contratos de seguro

milhares de euros	Prémios brutos emitidos	Provisões de balanço	Número de contratos	Número de pessoas seguras	Capital ou renda anual segura
Individuais	2 986 088	15 153 215	3 517 327	3 701 055	61 523 189
Seguros de rendas	17 451	201 131	7 940	8 328	18 596
Seguros de capitais	2 968 637	14 952 085	3 509 387	3 692 727	61 504 593
Vida inteira	2 376	18 364	8 970	9 273	78 540
Capitais diferidos	809 498	3 783 792	316 800	318 938	4 389 550
Mistos	35 053	310 161	90 151	103 692	699 931
Temporários	160 777	123 513	1 258 367	1 418 181	38 194 658
Seguros do tipo <i>Universal life</i>	71 289	560 176	96 367	108 766	1 696 789
PPR	1 889 644	10 156 079	1 738 732	1 733 877	16 445 124
Grupo	1 771 360	5 524 105	499 338	4 489 037	125 299 459
Seguros de rendas	15 157	451 591	1 608	22 700	62 625
Seguros de capitais	1 756 203	5 072 514	497 730	4 466 337	125 236 834
Vida inteira	608	2 270	15	3 527	9 766
Capitais diferidos	1 216 001	4 850 259	7 000	408 181	5 125 349
Mistos	2 558	14 547	146	7 879	49 124
Temporários	534 376	171 289	490 517	4 042 281	119 987 528
Seguros do tipo <i>Universal life</i>	2 660	34 149	52	4 469	65 067

Quadro 2.13 Estatísticas da carteira de mercado – seguros contabilizados como contratos de investimento

milhares de euros	Entregas	Passivos financeiros	Número de contratos	Número de participantes
Individuais	6 426 348	21 504 580	1 868 040	1 798 979
Capitais diferidos	5 088 856	16 588 246	1 031 654	963 094
PPR	1 337 492	4 916 334	836 386	835 885
Grupo	240 942	1 270 081	191	190 180
Capitais diferidos	240 942	1 270 081	191	190 180

Seguros de grupo Após o crescimento de 14% verificado na produção dos seguros de grupo em 2009, no ano em apreço este montante atingiu um valor superior a dois mil milhões de euros, o que significa um acréscimo de cerca de 33% face ao ano anterior.

Atendendo a que o número de pessoas seguras reduziu-se em 2,4%, o prémio médio por cabeça apresentou uma variação positiva de 37,2%. Por sua vez, o capital médio por pessoa manifestou evoluções distintas, consoante o tipo de produto em análise. Assim, no caso das rendas anuais seguras este rácio diminuiu em 10,8%, nos seguros de forte componente financeira (capitais diferidos e *Universal life*) teve um aumento de 2,7% e nos seguros temporários em caso de morte obteve um incremento de 2,1%.

Evolução da Conta técnica do ramo Vida

No Quadro 2.14 encontra-se exposta a estrutura da Conta técnica do ramo Vida. Em termos globais, os Custos e gastos de exploração aumentaram 0,2%. No entanto, caso se considere apenas o seguro direto, este valor ascende a 4,7% (cerca de 2% em 2009), passando o seu peso, relativamente aos Prémios brutos emitidos de seguro direto, a ser de 7,5%.

Quadro 2.14 Estrutura da Conta técnica do ramo Vida

milhões de euros	2009	2010
Prémios líquidos de resseguro	3 945	4 777
Prémios brutos emitidos	4 116	4 953
Prémios de resseguro cedido	171	176
Comissões de contratos de investimento	166	162
Varição da provisão matemática	- 599	1 046
Varição de outras provisões técnicas	18	- 6
Montantes pagos	4 561	3 713
Varição da provisão para sinistros	0	- 3
Participação nos resultados atribuída	136	156
Participação nos resultados a atribuir	- 24	- 13
Saldo de resseguro cedido	- 30	- 36
Custos e gastos de exploração	512	513
Rendimentos líquidos de gastos e ganhos líquidos de perdas de investimentos	718	833
Perdas de imparidade líquidas de reversão	153	125
Outros rendimentos / ganhos líquidos de gastos / perdas	2	3
Resultado da conta técnica	216	384

Custos com sinistros Os Custos com sinistros referentes à atividade contabilizada como contratos de seguro verificaram um decréscimo na ordem dos 18,7%, que se deveu, em particular, à redução dos Montantes pagos, já que a variação da Provisão para sinistros teve um impacto marginal. Esta diminuição contribuiu em larga escala para o aumento do Resultado técnico do ramo Vida.

A contribuição dos Custos com sinistros para o Resultado técnico tem origem, exclusivamente, na atividade contabilizada como contratos de seguro. No entanto, para efeitos de comparabilidade, optou-se por apresentar também, no âmbito das análises seguintes, a informação relativa aos seguros contabilizados como contratos de investimento.

Ainda para esses efeitos, e uma vez que a desagregação que se segue apenas se encontra disponível para a atividade em Portugal, não se considerou a informação acerca da atividade das sucursais no estrangeiro.

Quadro 2.15 Evolução dos vencimentos e resgates

milhões de euros	2009		2010	
	C. Seguro	C. Invest.	C. Seguro	C. Invest.
Provisão matemática e outras ⁽¹⁾ / Passivos financeiros ⁽²⁾	19 371	20 477	18 893	24 518
Vencimentos ⁽³⁾	1 556	1 718	1 603	2 192
Resgates ⁽³⁾	2 457	1 838	1 584	3 500
Taxa anual vencimentos	8,0%	8,4%	8,5%	8,9%
Taxa anual resgates	12,7%	9,0%	8,4%	14,3%

(1) Provisão para seguros e operações em que o risco de investimento é suportado pelo tomador de seguro

(2) No final do exercício anterior

(3) Não inclui custos de gestão de sinistros imputados

A taxa anual de resgates sofreu um decréscimo (4,3 pontos percentuais) nos contratos de seguro e um crescimento nos contratos de investimento (5,3 pontos percentuais).

No que se refere aos vencimentos, os indicadores são mais estáveis, evidenciando igual acréscimo (0,5 pontos percentuais) em ambos os segmentos.

O peso dos vencimentos e resgates no total dos Custos com sinistros de seguro direto e Montantes pagos de sinistros de contratos de investimento registou um aumento, representando agora 92,2% dos mesmos (face a 89,9% em 2009).

Quadro 2.16 Desagregação dos Custos com sinistros por tipo de produto

milhões de euros	Vencimento	Morte	Resgate / Reembolso	Outras	Total
Custos com sinistros de seguro direto ⁽¹⁾ de contratos de seguro	1 603	312	1 584	199	3 698
Não ligados a fundos de investimento	1 571	311	1 557	198	3 636
Rendas	0	0	0	62	63
Tradicionais, exceto rendas	58	182	22	-2	260
Vida inteira e mistos	58	2	22	0	82
Temporários	0	180	0	-2	178
Financeiros com participação nos resultados	747	58	878	5	1 687
Capitais diferidos	705	54	831	5	1 594
<i>Universal life</i>	42	3	48	0	93
Financeiros sem participação nos resultados	29	1	8	0	38
Capitais diferidos	27	1	8	0	36
<i>Universal life</i>	2	0	0	0	2
PPR	737	69	648	62	1 516
Complementares	0	1	0	71	72
Ligados a fundos de investimento	15	1	27	1	44
Capitais diferidos	15	0	21	0	36
PPR	0	1	6	1	8
Outros seguros	0	0	0	0	0
Operações de capitalização	17	0	0	0	17
Não ligadas a fundos de investimento	17	0	0	0	17
Montantes pagos de contratos de investimento	2 192	121	3 500	121	5 933
Não ligados a fundos de investimento	1 178	68	2 359	89	3 694
Capitais diferidos	1 177	50	2 103	1	3 331
PPR	1	19	256	87	363
Ligados a fundos de investimento	998	52	1 118	32	2 200
Capitais diferidos	952	43	948	3	1 947
PPR	45	9	166	30	250
Outros seguros	0	0	3	0	3
Operações de capitalização	16	0	22	0	39
Não ligadas a fundos de investimento	16	0	19	0	35
Ligadas a fundos de investimento	0	0	3	0	4
Total	3 794	433	5 084	320	9 631

(1) Não inclui custos de gestão de sinistros imputados

Chama-se a atenção para o facto de que o valor pago referente a rendas anuais se encontra reportado na coluna "Outras" e que os 71 milhões de euros apurados para os seguros complementares dizem respeito, na sua grande maioria, a pagamentos efetuados por invalidez.

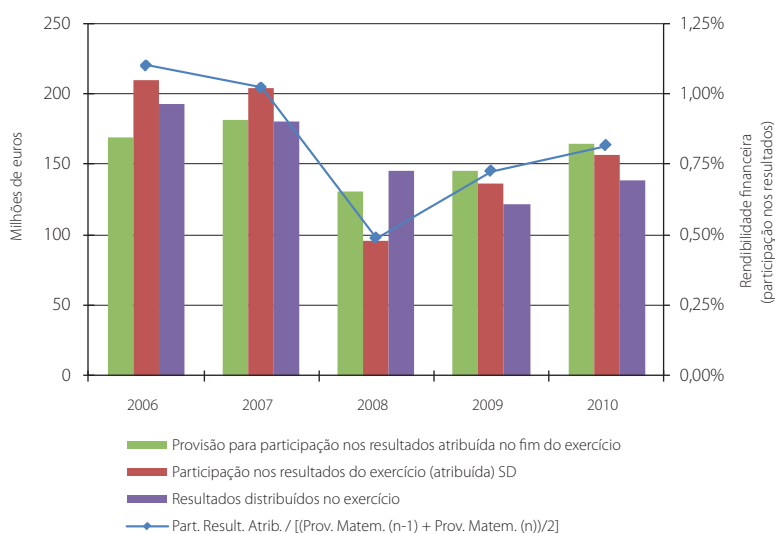
Participação nos resultados

O montante da Participação nos resultados atribuída ascendeu a cerca de 156 milhões de euros, o que se traduz num incremento de 15,1% face ao valor de 2009. Por seu turno, a Provisão matemática dos seguros de vida com participação nos resultados atingiu um valor ligeiramente superior a 19,8 mil milhões de euros, mais 1,3 mil milhões que no ano transato.

O rácio entre a Participação nos resultados atribuída e a Provisão matemática de seguros com participação nos resultados foi de 0,8%, registando-se assim um crescimento de 0,1 pontos percentuais relativamente ao ano anterior. Mesmo assim saliente-se que o facto de este valor se encontrar a um nível baixo será potencialmente fruto da situação financeira desfavorável ocorrida em 2010, que terá condicionado a atribuição de participação nos resultados neste ano.

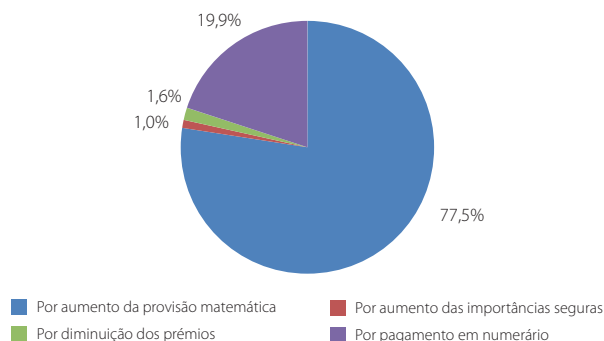
Os Resultados distribuídos no exercício corresponderam a cerca de 138 milhões de euros, mais 16 milhões que em 2009, mas abaixo dos valores de 2005 a 2008, que se situaram, sensivelmente, entre os 144 e os 192 milhões de euros.

Gráfico 2.27 Participação nos resultados



A distribuição da Participação nos resultados por aumento da Provisão matemática, que constitui a forma de distribuição de resultados privilegiada, consolidou a sua posição de destaque, tendo o peso relativo desta parcela passado de 70,5% para 77,5%. Uma evolução em sentido inverso foi verificada em relação à distribuição sob a forma de pagamento em numerário, cuja proporção diminuiu de 26% para 19,9%.

Gráfico 2.28 Resultados distribuídos



Sinistralidade A opção de efetuar uma análise adicional da sinistralidade – com especial relevância nas modalidades que comportam o risco de mortalidade – para o caso particular dos seguros temporários em caso de morte deve-se à sua representatividade no montante total do capital em risco do ramo Vida.

A taxa de sinistralidade dos seguros temporários decresceu em relação ao ano anterior, quer nos seguros individuais, quer nos seguros de grupo (redução de 3,3 e 0,4 pontos percentuais, respetivamente). Considerando ambos os segmentos, a taxa de sinistralidade foi de 25,6%, situando-se abaixo da média dos últimos cinco anos (cerca de 27,4%).

As oscilações, por vezes substanciais, da taxa de sinistralidade em torno da média devem-se ao facto de a grande maioria dos seguros temporários corresponder a contratos anuais renováveis. Como a taxa de sinistralidade consiste no rácio de Custos com sinistros sobre prémios emitidos, as magnitudes do numerador e do denominador evoluem frequentemente em sentidos opostos, ora aumentando, ora reduzindo bruscamente os efeitos de desnivelamento.

Quadro 2.17 Sinistralidade nos seguros temporários

milhões de euros	2006	2007	2008	2009	2010
Seguro Individual					
Custos com sinistros ⁽¹⁾	18	18	19	36	36
Prémios brutos emitidos	72	83	82	140	161
Taxa de sinistralidade	25,8%	22,1%	23,3%	25,8%	22,5%
Seguro de Grupo					
Custos com sinistros ⁽¹⁾	128	139	167	142	142
Prémios brutos emitidos	449	498	554	526	534
Taxa de sinistralidade	28,4%	27,9%	30,2%	27,0%	26,5%

⁽¹⁾ Não inclui custos de gestão de sinistros imputados

Taxas técnicas da Provisão matemática dos seguros de vida não ligados

Refira-se, no que concerne à análise seguinte, que a determinação das taxas médias se baseou na ponderação das taxas técnicas da Provisão matemática dos diversos produtos considerados pelo valor das respetivas provisões.

Importa ainda salientar que aquela se restringiu às taxas da Provisão matemática, excluindo-se, portanto, a atribuição de participação nos resultados. Tanto em 2010 como nos anos anteriores vigoraram várias apólices (quer de seguros de capitais diferidos, quer de seguros temporários) em que as taxas técnicas da Provisão matemática eram nulas. Nesses produtos, embora exista apenas garantia do capital, a remuneração é feita por via da participação nos resultados, atribuída anualmente.

Em 2010, a taxa técnica média de cálculo da Provisão matemática para os seguros de Vida não ligados foi de 2,1%, valor mais reduzido do que o utilizado no ano anterior (2,4%).

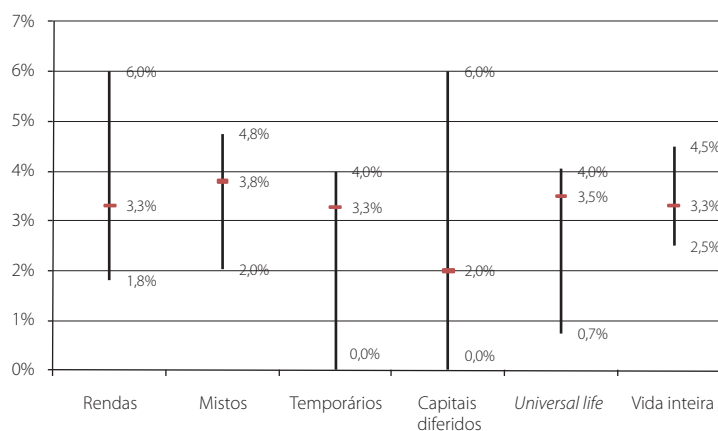
Esta taxa é fortemente influenciada pelos seguros de capitais diferidos (incluindo PPR), dado o seu elevado peso no valor total das Provisões matemáticas. Em contrapartida, os seguros temporários em caso de morte têm pouca expressão, pelo facto de corresponderem, na grande maioria dos casos, a contratos anuais renováveis, sendo que o valor destas Provisões no final de cada exercício tende a ser diminuto.

Da análise do Gráfico 2.29, que ilustra a distribuição das taxas técnicas subjacentes ao cálculo da Provisão matemática, em termos de mínimo, máximo e média, conclui-se que esta apresentou níveis ligeiramente mais baixos do que no ano anterior.

Com efeito, em quase todas as modalidades, as variações das taxas médias utilizadas no cálculo da Provisão matemática foram pouco significativas (os capitais diferidos sofreram a variação mais acentuada, com um decréscimo da taxa média de 0,3 pontos percentuais face ao ano anterior).

Por outro lado, a amplitude das mesmas teve algumas alterações relativamente a 2009. Verificaram-se reduções das taxas mínimas das rendas (de 0,2 pontos percentuais), dos mistos (de 0,4 pontos percentuais) e dos *Universal life* (de 0,8 pontos percentuais), bem como um aumento da taxa máxima dos seguros de Vida Inteira (0,5%).

De modo a ser possível caraterizar a evolução das práticas de mercado, importa ainda comparar as taxas técnicas implícitas nos contratos vigentes “em fase de comercialização” e “fora de comercialização”. À semelhança dos últimos anos, as taxas técnicas dos produtos que já não se encontram em comercialização são superiores às correspondentes aos seguros em comercialização (3,1% e 1,4%, respetivamente). Esta situação decorre essencialmente do predomínio de uma estratégia comercial prudente no que respeita à garantia de taxa e a uma maior flexibilidade no contexto da rentabilidade nos investimentos, onde as empresas de seguros garantem somente o capital investido ou uma taxa mais reduzida, sendo a remuneração parcialmente efetuada mediante participação nos resultados.

Gráfico 2.29 Taxas técnicas mínimas, médias e máximas de cálculo das Provisões matemáticas, por tipo de seguros não ligados

Em relação aos seguros do tipo PPR, a taxa técnica média de cálculo da Provisão matemática dos seguros não ligados foi de 2,2%, sendo de 1,3% para os produtos em comercialização e de 3,1% para os fora de comercialização.

Planos de pensões financiados por apólices de seguros

Atendendo a que a exploração do negócio na área das pensões, sob a forma de fundos de pensões, será analisada no Capítulo 5, o âmbito deste subcapítulo restringe-se à atividade de exploração do mesmo por via de apólices de seguro.

O valor da Provisão matemática relativa às apólices de seguros que financiam planos de pensões ascendia a cerca de 309 milhões de euros no final de 2010, estando abrangidos mais de 32 mil participantes.

Da leitura dos Quadros 2.18 e 2.19, é possível depreender-se que mais de 69% do valor da Provisão matemática estava afeta a apólices de seguro que conferiam direito de resgate. No que respeita ao número de participantes, esse direito estende-se a aproximadamente 86% do total.

Em termos evolutivos, face ao ano anterior, destaca-se, por um lado, a diminuição do peso do número de participantes associados a apólices que financiam planos de contribuição definida (de 81,9% para 79,5%) e, por outro, o aumento do peso da respetiva Provisão matemática, que passou a representar cerca de 54,3% do total (52,5% em 2009).

Quadro 2.18 Repartição do peso relativo do valor das Provisões matemáticas das apólices de seguro que financiam planos de pensões, por tipo de plano e em função do direito de resgate das apólices

Tipo de plano de pensões	Direito de resgate das apólices de seguro		Total
	Sim	Não	
Contribuição definida	50,5%	3,8%	54,3%
Benefício definido	18,6%	27,1%	45,7%
Total	69,2%	30,8%	100,0%

Quadro 2.19 Repartição do peso relativo do número de participantes das apólices de seguro que financiam planos de pensões, por tipo de plano e em função do direito de resgate das apólices

Tipo de plano de pensões	Direito de resgate das apólices de seguro		Total
	Sim	Não	
Contribuição definida	73,6%	5,9%	79,5%
Benefício definido	12,0%	8,5%	20,5%
Total	85,6%	14,4%	100,0%

O Quadro 2.20 apresenta a repartição do valor da Provisão matemática das apólices de seguro que financiam planos de pensões, bem como o número de participantes das correspondentes apólices por tipo de seguros.

Quadro 2.20 Repartição do valor das Provisões matemáticas e do número de participantes das apólices de seguro que financiam planos de pensões, por tipo de seguros

Tipo de seguro	Valor das provisões matemáticas		Número de participantes	
	2009	2010	2009	2010
Capitais diferidos	53,3%	55,4%	75,1%	77,9%
Rendas	34,4%	33,1%	8,1%	7,0%
<i>Universal life</i>	11,1%	10,8%	14,7%	13,5%
Mistos	1,2%	0,7%	2,1%	1,5%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Da análise do quadro anterior verifica-se que os capitais diferidos continuam a ser a principal modalidade utilizada para financiar planos de pensões, quer em função das Provisões matemáticas, quer do número de participantes.

2.3.2.2. Ramos Não Vida

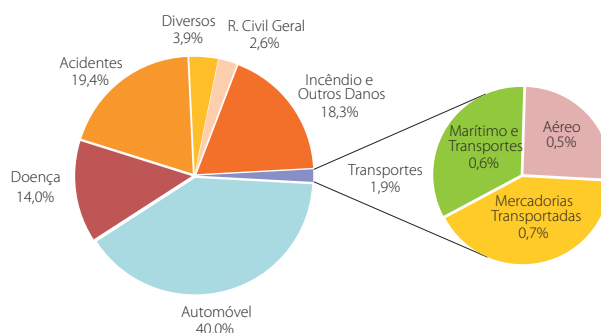
Produção dos ramos Não Vida

Em 2010, a produção dos ramos Não Vida, no universo das empresas de seguros supervisionadas pelo ISP e considerando apenas os Prémios brutos emitidos de seguro direto, ascendeu a 3 614 milhões de euros. Este montante traduz um crescimento de 1,7% face a 2009⁷, invertendo a tendência de decréscimo (-5,2%) observada no ano anterior. A este valor acrescem 2,9 milhões de euros respeitantes a entregas para contratos de prestação de serviços (cerca de cinco milhões de euros em 2009).

Este comportamento globalmente favorável decorre do incremento observado na generalidade dos ramos que compõem o agregado, embora sejam de registar algumas exceções. Em termos relativos, os principais contributos positivos verificaram-se nos ramos Diversos, Doença, Responsabilidade Civil Geral e Incêndio e Outros Danos, com aumentos na produção de 16,8%, 6%, 3,9% e 3,2%, respetivamente. Em sentido inverso, mencionem-se as taxas negativas de variação dos Prémios brutos emitidos referentes aos ramos Aéreo e Acidentes, que se cifraram em 8,1% e 3,5%, pela mesma ordem. Destaca-se ainda, pela sua materialidade no total dos ramos Não Vida, o comportamento da produção no ramo Automóvel, que cresceu 0,9% (face a uma redução de 8,6% em 2009).

No que se refere à estrutura, a evolução descrita não se traduz em alterações expressivas no peso relativo dos vários ramos, com exceção da redução de um ponto percentual do ramo Acidentes. O agrupamento Automóvel continua a ser o mais representativo, apesar da manutenção da tendência de decréscimo da sua relevância no total (diminuição de 0,3 pontos percentuais face a 2009), embora a um ritmo inferior ao observado nos últimos anos.

⁷ Saliente-se que as referências a Prémios brutos emitidos de seguro direto relativos a 2009 que são efetuadas ao longo deste subcapítulo consideram os montantes respeitantes à produção relativa aos três primeiros trimestres desse ano para as empresas Real Seguros e Mutuamar, integradas por fusão na Lusitania a 1 de outubro de 2009. No entanto, para efeitos de cálculo de rácios em cujo denominador sejam considerados os prémios emitidos, estes valores não foram considerados. Para evitar quaisquer dúvidas, serão claramente identificadas as situações em que a produção daquelas empresas seja considerada.

Gráfico 2.30 Estrutura da carteira de prémios Não Vida

Evolução da Conta técnica dos ramos Não Vida

A subida do volume de produção contribuiu para a melhoria do Resultado da conta técnica Não Vida, que aumentou 38,3%, para cerca de 56 milhões de euros. De igual modo, concorreram positivamente para o Resultado técnico o decréscimo da Provisão para sinistros, a estagnação dos Custos de exploração e a melhoria dos resultados da função financeira. Em sentido oposto, terá pesado de forma material o incremento de 9,1% nos Montantes pagos de seguro direto, cujo peso nos Prémios adquiridos teve uma variação de cerca de 4 pontos percentuais face ao ano anterior, acentuando uma tendência que se traduziu num acréscimo deste rácio em 11,4 pontos percentuais nos últimos quatro anos.

Quadro 2.21 Estrutura da Conta técnica Não Vida – seguro direto

milhões de euros	2009	2010
Prémios emitidos de seguro direto (*)	3 554	3 614
Acidentes e Doença	1 204	1 208
Incêndio e Outros Danos	641	662
Automóvel	1 432	1 445
Transportes	64	63
Responsabilidade Civil Geral	91	94
Diversos	122	143
Prémios adquiridos de seguro direto	3 490	3 601
Montantes pagos / Prémios adquiridos	68,5%	72,5%
Taxa de sinistralidade (Custos com sinistros / Prémios adquiridos)	67,0%	69,0%
Saldo de resseguro cedido / Prémios emitidos (**)	-7,9%	-7,2%
Custos de exploração / Prémios emitidos	27,8%	26,6%
Rendimentos e ganhos líquidos com investimentos / Prémios emitidos	5,6%	6,2%
Perdas de imparidade líquidas / Prémios emitidos	0,9%	1,1%
Resultado da conta técnica / Prémios emitidos (**)	1,1%	1,4%
Taxa de cedência (Prémios de resseguro cedido / Prémios emitidos) (**)	21,2%	21,4%
Taxa de sinistralidade do resseguro cedido (**)	49,0%	51,3%
Taxa de aceitação (Prémios de resseguro aceite / Prémios emitidos) (**)	9,9%	10,3%
Taxa de sinistralidade do resseguro aceite	86,2%	79,4%

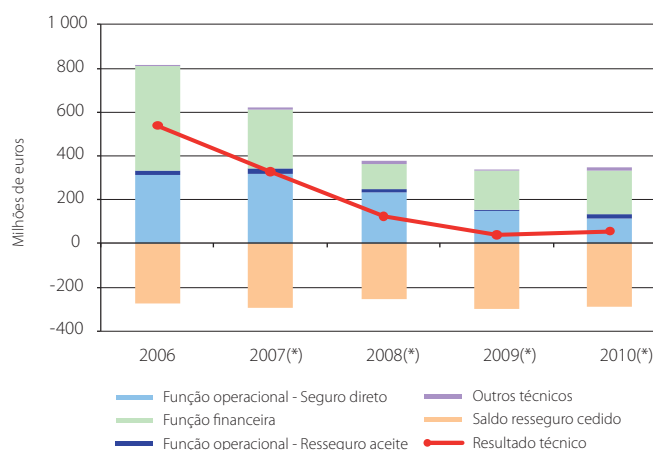
(*) Os prémios emitidos de seguro direto referentes a 2009 incluem os valores da Real Seguros e da Mutuamar

(**) Rácios calculados considerando valores de seguro direto e resseguro aceite

Da análise do Gráfico 2.31 conclui-se que, em 2010, se manteve a tendência de decréscimo dos resultados da função operacional de seguro direto, essencialmente em resultado do já salientado incremento dos Montantes pagos. No que se refere ao resseguro aceite, constata-se uma melhoria significativa (233,6%), invertendo o padrão de redução observado desde 2007.

O contributo positivo da função financeira para os Resultados técnicos aumentou, fruto da relativa estabilização dos mercados de capitais, ao longo do ano, embora estabilizando num patamar distante do verificado nos anos imediatamente anteriores à crise financeira.

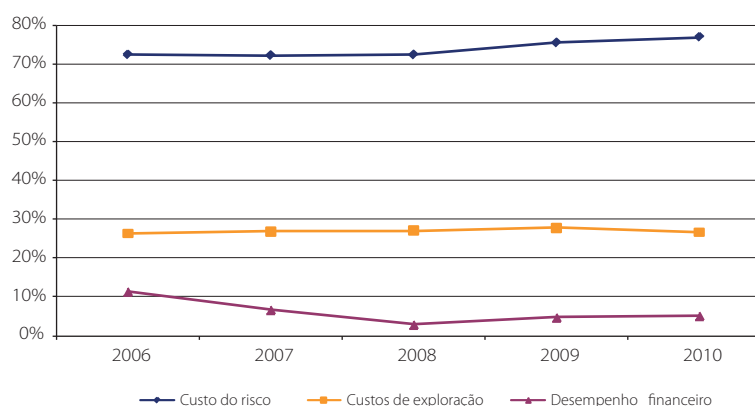
Gráfico 2.31 Decomposição do Resultado técnico dos ramos Não Vida



(*) Resultados técnicos determinados de acordo com o novo PCES

O custo do risco, medido pela sinistralidade líquida de resseguro, manteve o padrão de crescimento registado desde 2007, acumulando uma subida de 1,5 pontos percentuais face ao ano anterior. A estagnação, em valor absoluto, dos Custos de exploração permitiu algum ganho no respetivo indicador, assistindo-se a uma redução de 1,2 pontos percentuais, que levou a que se regressasse a um valor próximo do registado em 2006. O desempenho financeiro (mensurado através do rácio entre os Resultados financeiros e os Prémios brutos emitidos) ultrapassou marginalmente a barreira de 5%, ascendendo em 0,4 pontos percentuais face a 2009.

Gráfico 2.32 Evolução do custo do risco, Custos de exploração e desempenho financeiro Não Vida em função dos prémios emitidos



Sinistralidade

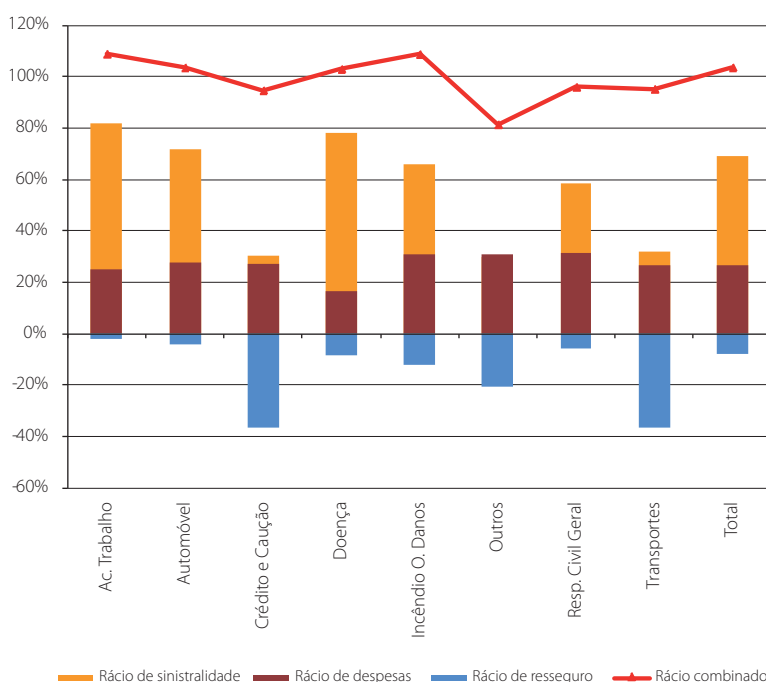
A taxa de sinistralidade global para o negócio de seguro direto dos ramos Não Vida sofreu um acréscimo de 2 pontos percentuais face a 2009, tendo-se fixado em 69%. Esta evolução decorreu de um agravamento dos Custos com sinistros (6,2%) superior ao crescimento dos Prémios adquiridos (3,2%).

Como já referido, tal ficou a dever-se à subida da rubrica de Montantes pagos (9,1%), dado que a Provisão para sinistros constatou uma redução de 125,5 milhões de euros.

Rácio combinado

O rácio combinado de seguro direto (líquido de resseguro) apurado para o conjunto dos ramos Não Vida, utilizado como referência para avaliação do desempenho técnico do setor segurador, fixou-se em 103,5% em 2010, revelando um agravamento face ao ano transato, em que tinha sido ultrapassado o limiar de 100%. Nos ramos individuais, destaca-se a significativa diminuição do rácio combinado no ramo Crédito e Caução, depois do forte impacto da crise financeira nos resultados do exercício anterior, e a evolução negativa associada ao ramo Incêndio e Outros Danos, afetado pelas catástrofes naturais que assolaram o país em 2010.

Gráfico 2.33 Rácio combinado – ramos Não Vida



Resseguro

De um modo global, o resseguro cedido continuou a apresentar um saldo desfavorável para as empresas de seguros, tendo o rácio correspondente ao peso do saldo de resseguro face aos prémios emitidos diminuído 0,7 pontos percentuais em 2010, fixando-se em 7,2%.

As taxas de cedência e de aceitação mantiveram-se praticamente inalteradas, em cerca de 21% e 10%, respetivamente. As taxas de sinistralidade do resseguro cedido e aceite sofreram evoluções opostas, invertendo em ambos os casos os comportamentos verificados em 2009. Assim, enquanto no primeiro caso se observou um incremento de 2,3 pontos percentuais (para 51,3%), no segundo denotou-se uma redução de 6,8 pontos percentuais (para 79,4%), quase anulando a subida registada em 2009.

Em seguida, analisam-se alguns ramos e modalidades Não Vida que, pela sua importância, justificam um estudo mais detalhado.

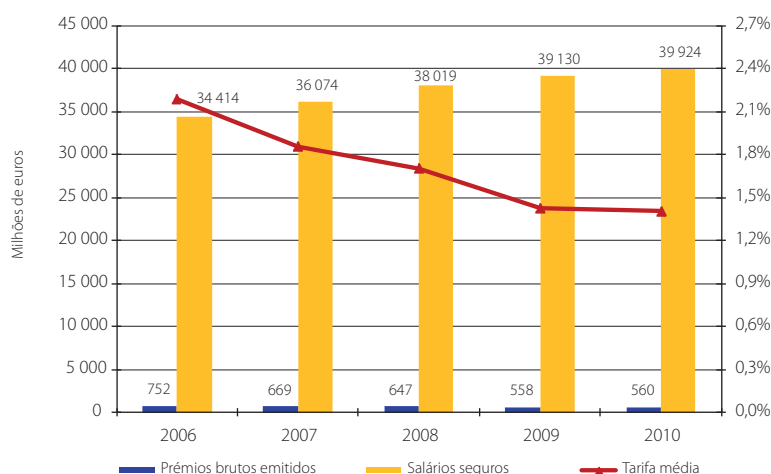
a) Acidentes de Trabalho

Evolução dos prémios e dos salários seguros

Em 2010, constatou-se uma interrupção da tendência de decréscimo da tarifa média praticada na modalidade Acidentes de Trabalho, a que se vem a assistir desde 2005. Esta evolução decorreu da estabilização do volume de Prémios brutos emitidos (0,4%), ao mesmo tempo que o montante de salários seguros cresceu apenas 2%.

Deste modo, e com base no efeito conjunto destas variações, estima-se que a tarifa média, que corresponde ao rácio entre os Prémios brutos emitidos de seguro direto e os salários seguros, tenha registado em 2010 um valor próximo de 1,4%, valor idêntico ao observado em 2009.

Gráfico 2.34 Prémios brutos emitidos, salários seguros e tarifa média – modalidade Acidentes de Trabalho



O número de apólices sofreu uma contração de 3,4%, o que, conjugado com o já referido comportamento dos capitais seguros, se traduziu num incremento do respetivo valor médio (3,7%).

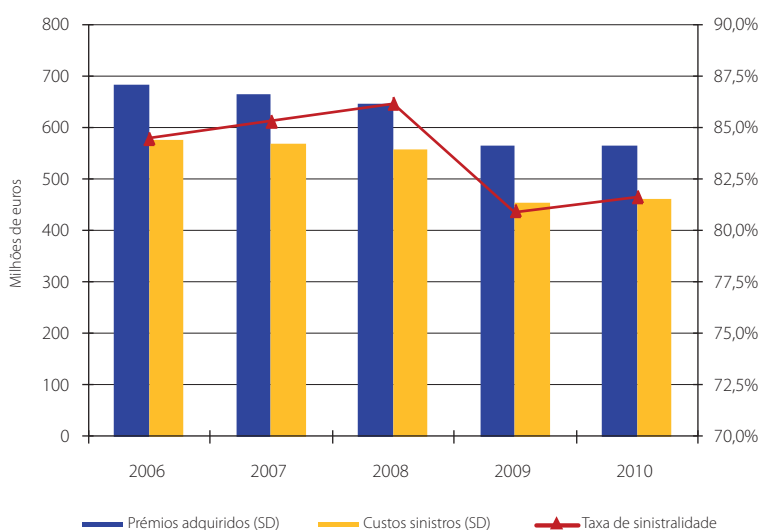
Quadro 2.22 Estrutura da Conta técnica da modalidade Acidentes de Trabalho – seguro direto

milhões de euros	2009	2010
Prémios emitidos de seguro direto (*)	583	560
Prémios adquiridos de seguro direto	563	563
Montantes pagos / Prémios adquiridos	79,3%	85,9%
Taxa de sinistralidade (Custos com sinistros / Prémios adquiridos)	80,9%	81,6%
Saldo de resseguro cedido / Prémios emitidos (**)	-2,4%	-2,0%
Custos de exploração / Prémios emitidos	25,7%	25,2%
Rendimentos e ganhos líquidos com investimentos / Prémios emitidos	11,6%	13,2%
Perdas de imparidade líquidas / Prémios emitidos	1,7%	1,7%
Resultado da conta técnica / Prémios emitidos (**)	2,7%	1,4%
Taxa de cedência (Prémios de resseguro cedido / Prémios emitidos) (**)	2,5%	2,5%
Taxa de sinistralidade do resseguro cedido (**)	0,6%	11,0%
Taxa de aceitação (Prémios de resseguro aceite / Prémios emitidos) (**)	0,0%	0,0%
Taxa de sinistralidade do resseguro aceite	367,6%	101,9%

(*) Os prémios emitidos de seguro direto referentes a 2009 incluem os valores da Real Seguros e da Mutuamar

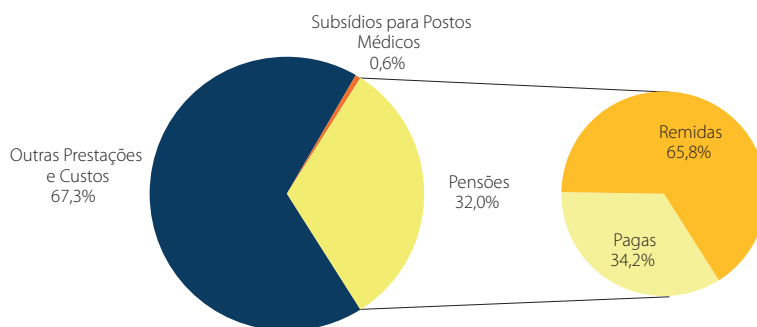
(**) Rácios calculados considerando valores de seguro direto e resseguro aceite

Sinistralidade A taxa de sinistralidade de seguro direto da modalidade Acidentes de Trabalho teve um acréscimo de 0,7 pontos percentuais face a 2009. Tal ter-se-á ficado a dever ao efeito da evolução das variáveis Prémios adquiridos (0,1%) e Custos com sinistros (0,9%). Refira-se que o comportamento dos Custos com sinistros de seguro direto decorre da compensação entre dois efeitos com impactos simétricos, em termos absolutos: o aumento dos Montantes pagos (37,8 milhões de euros) e o decréscimo das Provisões para sinistros (24,3 milhões de euros).

Gráfico 2.35 Evolução da taxa de sinistralidade – modalidade Acidentes de Trabalho

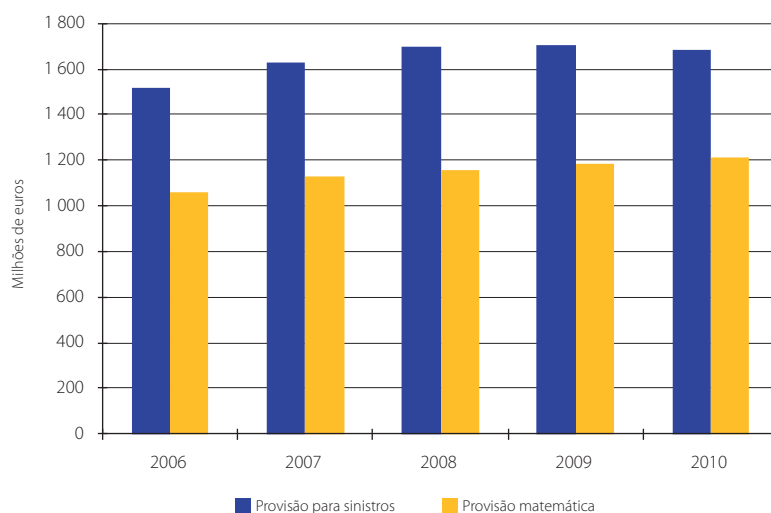
No gráfico seguinte é possível constatar a distribuição dos Montantes pagos da modalidade Acidentes de Trabalho, mantendo-se a predominância dos pagamentos relativos a outras prestações e custos, embora com uma redução de 0,8 pontos percentuais face a 2009.

Os montantes inerentes a pensões representaram cerca de um terço do total pago, sendo que dentro destes a remição de pensões absorve aproximadamente 66%.

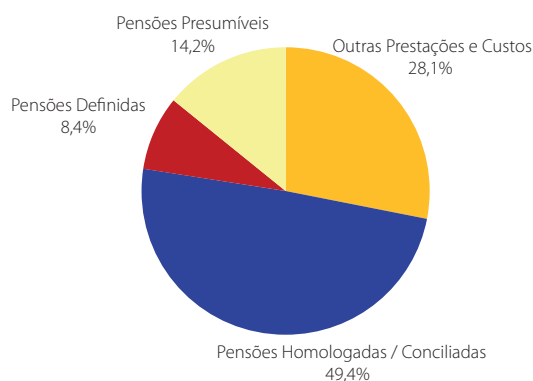
Gráfico 2.36 Montantes pagos – modalidade Acidentes de Trabalho

Da análise do Gráfico 2.37 conclui-se que, em 2010, a Provisão para sinistros sofreu uma diminuição de 1,1%, apesar de se ter assistido a uma expansão da Provisão matemática em 2,2%. Tal resultou num incremento do peso desta provisão no total da Provisão para sinistros, para 71,9% (69,6% em 2009).

Confirma-se, assim, a inversão da tendência de evolução da Provisão para sinistros, já visível através do abrandamento do ritmo de crescimento nos últimos anos.

Gráfico 2.37 Evolução da Provisão para sinistros – modalidade Acidentes de Trabalho

No que se refere à composição da Provisão para sinistros, constata-se a manutenção da tendência, já registada em 2009, de aumento do peso da parcela relativa a pensões homologadas / conciliadas (de 46,7% para 49,4%), traduzindo um incremento de 4,5% desta rubrica. Em sentido inverso, todas as restantes componentes da Provisão para sinistros viram o seu peso na estrutura global diminuir, em resultado das taxas de decrescimento de -8,7%, -2,5% e -2%, respetivamente, no caso das outras prestações e custos, das pensões presumíveis e das pensões definidas.

Gráfico 2.38 Provisão para sinistros – modalidade Acidentes de Trabalho

Resseguro A taxa de cedência não apresentou alterações significativas face ao valor de 2009, mantendo-se próxima dos 2,5%.

O saldo de resseguro cedido continuou em terreno negativo, embora contribuindo apenas com 11 milhões de euros para o Resultado técnico, em relação aos 13 milhões de euros verificados em 2009. Este comportamento permitiu a manutenção do custo do risco num valor idêntico ao do ano transato (aumento de apenas 0,3 pontos percentuais, para 83,6%), tendo em consideração o ligeiro acréscimo da taxa de sinistralidade, anteriormente analisado.

Desempenho financeiro

No que se refere ao saldo da função financeira, constata-se um incremento de 11,8% face ao ano anterior para a modalidade de Acidentes de Trabalho, essencialmente em resultado da variação positiva observada nos proveitos financeiros, que se expandiram 10,2% em 2010.

Tal como em exercícios anteriores, esta componente assumiu um papel determinante na obtenção de resultados positivos no ramo. Esta situação é explicada, em boa medida, pela natureza de longo prazo das responsabilidades da carteira de Acidentes de Trabalho, o que propicia uma maior relevância da componente financeira na estrutura da Conta técnica.

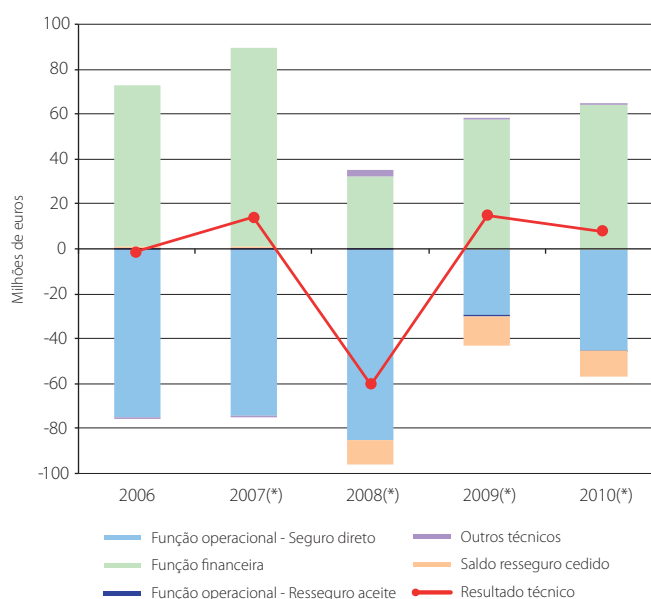
Resultados operacionais

Em 2010, o principal aspeto negativo a destacar é o agravamento dos Resultados operacionais do negócio de seguro direto, tendo estes apresentado valores bastante mais baixos do que no ano anterior (decrécimo de 53,7%). Em consequência da sensibilidade dos Resultados técnicos da modalidade de Acidentes de Trabalho às variações dos mercados de capitais, tal como foi visível em 2008, a obtenção de Resultados operacionais positivos afigura-se como um elemento fundamental para a estabilidade da exploração desta modalidade, que se reveste de particular relevância no contexto do setor segurador nacional, em resultado do importante papel social que desempenha. Tal só se torna possível mediante um maior alinhamento entre as tarifas e os perfis de risco cobertos, bem como uma potencial redução dos Custos de exploração por via da introdução de melhorias de eficiência.

Resultado da conta técnica

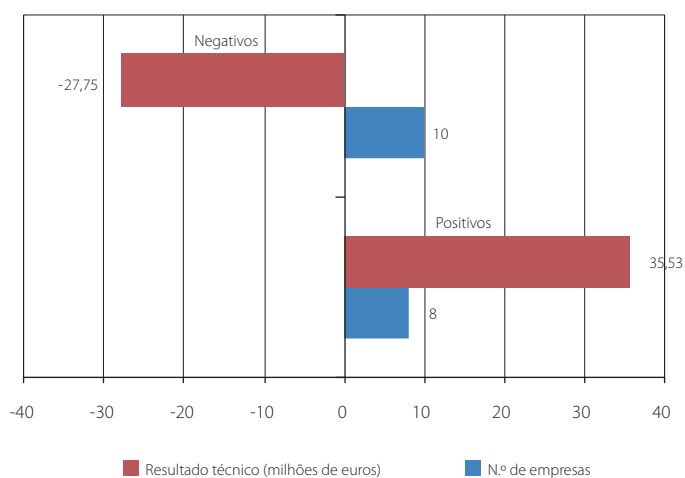
A conjugação de todos os fatores referidos conduziu a um Resultado da conta técnica na ordem dos oito milhões de euros, um valor inferior em cerca de 48% face ao registado em 2009.

Gráfico 2.39 Decomposição do Resultado técnico da modalidade Acidentes de Trabalho



(*) Resultados técnicos determinados de acordo com o novo PCES

Em termos de resultados individuais, constata-se uma deterioração da situação comparativamente com o ano transato, na medida em que o número de empresas com resultados negativos aumentou de nove para dez.

Gráfico 2.40 Resultados técnicos – modalidade Acidentes de Trabalho

b) Doença

Evolução dos prémios

Os Prémios brutos emitidos de seguro direto do ramo Doença subiram em 2010 (6%), recuperando a dinâmica observada em anos anteriores, depois do relativo abrandamento verificado em 2009.

O universo de segurados cresceu 2,8%, fixando-se em quase 2,1 milhões de pessoas. O volume de Prémios adquiridos, por seu lado, aumentou 6,9%, o que significa que o prémio médio registou igualmente um incremento, para cerca de 244 euros em 2010 (237 euros em 2009). Este crescimento foi mais visível nos seguros individuais (3,8%), tendo-se assistido a uma evolução mais modesta no que concerne aos seguros de grupo (2,7%).

Em relação à estrutura, a proporção entre as subscrições de seguros individuais e de seguros de grupo manteve-se praticamente inalterada face ao ano anterior, tendo estes últimos continuado a representar uma parte ligeiramente superior a metade do total (51,4%).

Gráfico 2.41 Proporção entre subscritores de seguros individuais e seguros de grupo

Em 2010, deu-se um incremento significativo da relevância do sistema misto, em detrimento dos sistemas convencionados⁸, embora estes últimos continuem a ser aqueles relativamente aos quais os segurados manifestam uma maior preferência, tanto em termos de seguros individuais, como de seguros de grupo. Desta forma, a parcela associada ao sistema misto viu a sua importância aumentar em 3,4 pontos percentuais, no caso dos seguros individuais, e em 1,4 pontos percentuais, no que se refere aos seguros de grupo.

Em termos estruturais, conclui-se que existem algumas diferenças nas escolhas dos segurados face aos dois tipos de seguro. No caso dos seguros de grupo, o sistema de reembolso⁹ assume uma relevância bastante superior, por comparação com a realidade dos seguros individuais (mais 13,7 pontos percentuais), embora em 2009 se tenha registado uma quebra significativa, o que contribuiu para a aproximação das estruturas.

O Gráfico 2.42 detalha a distribuição dos pesos relativos dos vários tipos de sistema, para os seguros individuais e de grupo, tendo por base a última estimativa disponível dos Custos com sinistros totais por ano de ocorrência (*i.e.* o total de Montantes pagos por ano de ocorrência, independentemente do ano de pagamento, acrescido da correspondente parcela da Provisão para sinistros constituída a 31 de Dezembro de 2010).

Gráfico 2.42 Proporção dos tipos de sistemas disponíveis para seguros de Doença individuais e de grupo



8 Sistemas em que a empresa de seguros dispõe de uma rede convencionada de profissionais ou entidades que se dedicam à prestação de cuidados médicos-hospitalares e de cuja lista dá conhecimento ao tomador de seguro aquando da subscrição do contrato.

9 Sistema em que a empresa de seguros indemniza o segurado numa parte das despesas de saúde suportadas por este, mediante a apresentação dos respetivos comprovativos.

Quadro 2.23 Estrutura da Conta técnica do ramo Doença – seguro direto

milhões de euros	2009	2010
Prémios emitidos de seguro direto (*)	477	506
Prémios adquiridos de seguro direto	478	510
Montantes pagos / Prémios adquiridos	81,2%	77,4%
Taxa de sinistralidade (Custos com sinistros / Prémios adquiridos)	82,6%	78,2%
Saldo de resseguro cedido / Prémios emitidos (**)	-5,4%	-5,8%
Custos de exploração / Prémios emitidos	16,3%	16,4%
Rendimentos e ganhos líquidos com investimentos / Prémios emitidos	0,8%	1,3%
Perdas de imparidade líquidas / Prémios emitidos	0,2%	0,8%
Resultado da conta técnica / Prémios emitidos (**)	-3,4%	0,2%
Taxa de cedência (Prémios de resseguro cedido / Prémios emitidos) (**)	38,8%	38,6%
Taxa de sinistralidade do resseguro cedido (**)	78,5%	73,0%
Taxa de aceitação (Prémios de resseguro aceite / Prémios emitidos) (**)	36,9%	37,1%
Taxa de sinistralidade do resseguro aceite	86,5%	80,7%

(*) Os prémios emitidos de seguro direto referentes a 2009 incluem os valores da Real Seguros e da Mutuamar

(**) Rácios calculados considerando valores de seguro direto e resseguro aceite

Sinistralidade Em 2010, a taxa de sinistralidade de seguro direto do ramo Doença registou uma redução de 4,4 pontos percentuais face ao ano anterior, para 78,2%, o valor mais baixo dos últimos quatro anos. Tal ficou a dever-se ao diferencial verificado entre o aumento dos Prémios adquiridos (6,9%) e o dos Custos com sinistros (1,1%).

A relativa moderação na variação dos Custos com sinistros decorre, essencialmente, de um padrão comportamental idêntico ao observado em relação aos Montantes pagos relativamente a este ramo (1,9%), uma vez que estes representaram 99% dos respetivos Custos com sinistros (98,2% em 2009). Este valor constitui, de resto, um bom indicador da celeridade de pagamento inerente a este ramo, o que é explicado pelo facto de o mesmo ser caracterizado por um horizonte temporal de curto prazo no que se refere à liquidação dos sinistros.

Resseguro A taxa de aceitação do ramo Doença voltou a aumentar, na linha do que tem ocorrido nos últimos anos, embora a um ritmo inferior (0,3 pontos percentuais). A taxa de sinistralidade de resseguro aceite reduziu-se de forma muito significativa (5,8 pontos percentuais), em resultado do crescimento dos Prémios adquiridos se ter verificado a um ritmo bastante superior ao dos Custos com sinistros (8,2% e 1%, respetivamente).

No que concerne à taxa de cedência, registou-se uma estabilização face à situação observada no ano anterior (redução de 0,2 pontos percentuais). Também neste caso se constatou uma diminuição da taxa de sinistralidade face a 2009, em 5,5 pontos percentuais, resultante da contração dos Custos com sinistros (0,6%), que não acompanharam a expansão dos Prémios adquiridos (6,9%).

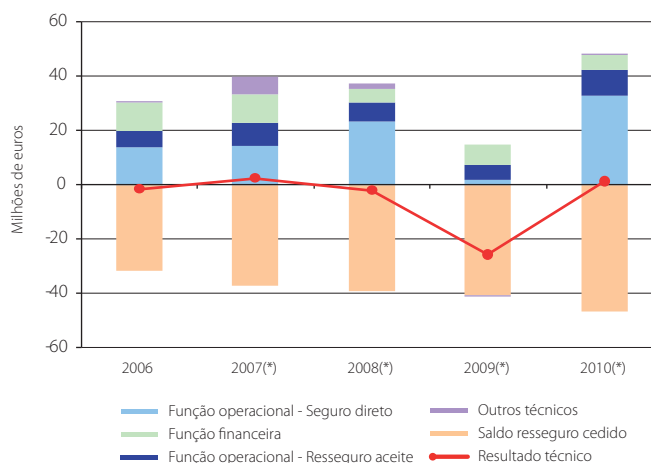
Desempenho financeiro Em relação à componente financeira, esta apresenta tradicionalmente um impacto pouco material no Resultado técnico total, em virtude do já referido horizonte temporal reduzido das responsabilidades. Em 2010, observou-se uma descida de 25,4% no resultado da função financeira, para 5,6 milhões de euros.

Resultados operacionais O grande contributo para a melhoria dos Resultados técnicos do ramo Doença foi dado pela componente operacional de seguro direto, cujo montante ascendeu a 32,9 milhões de euros, face aos 1,6 milhões registados em 2009. Esta evolução permitiu colmatar a forte quebra observada em 2009, que implicou uma degradação expressiva dos resultados desse ano, tendo restaurado algum equilíbrio na exploração do ramo, na medida em que a respetiva rentabilidade é maioritariamente assegurada pela componente operacional.

Resultado da conta técnica

O efeito agregado da evolução das componentes anteriormente descritas foi o regresso do Resultado da conta técnica do ramo Doença a terreno positivo, pela segunda vez nos últimos cinco anos (o último ano em que idêntica situação tinha ocorrido foi 2007, embora nessa altura suportado por rubricas distintas), tendo-se fixado em 1,4 milhões de euros (-25,6 milhões de euros em 2009).

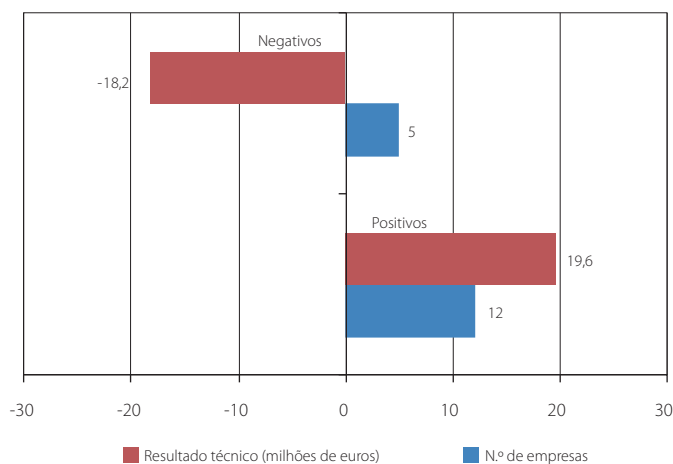
Gráfico 2.43 Decomposição do Resultado técnico do ramo Doença



(*) Resultados técnicos determinados de acordo com o novo PCES

Considerando o universo de 17 empresas que, em 2010, exploravam o ramo Doença, é de salientar o facto de a larga maioria ter apresentado resultados positivos (12) e em apenas cinco casos se terem registado perdas técnicas.

Gráfico 2.44 Resultados técnicos – ramo Doença

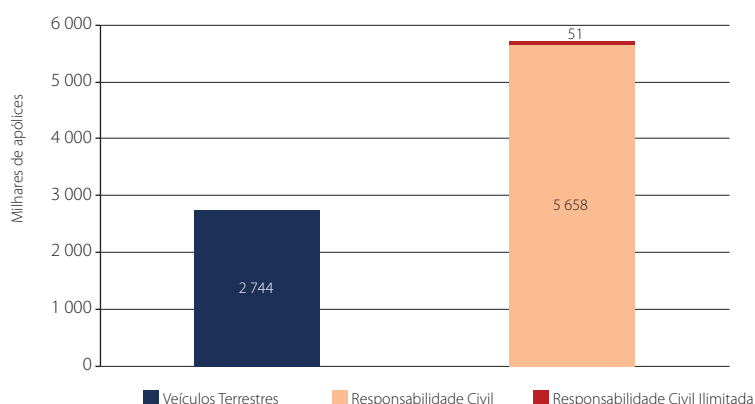


c) Automóvel

Evolução dos prémios

Em 2010, inverteu-se a tendência de forte quebra no volume da produção de seguro direto do ramo Automóvel, tendo os Prémios brutos emitidos verificado um incremento de 0,9%.

A este acréscimo correspondeu igualmente uma subida significativa no número de apólices do ramo. Tal deveu-se ao crescimento em quase todos os tipos de cobertura (exceção feita no que respeita a Mercadorias Transportadas), refletindo em boa medida o comportamento do mercado automóvel nacional em 2010.

Gráfico 2.45 Número de apólices de seguro Automóvel – Responsabilidade Civil e Veículos Terrestres**Quadro 2.24** Estrutura da Conta técnica do seguro Automóvel – seguro direto

milhões de euros	2009	2010
Prémios emitidos de seguro direto (*)	1.432	1.445
Prémios adquiridos de seguro direto	1.432	1.454
Montantes pagos / Prémios adquiridos	76,9%	80,0%
Taxa de sinistralidade (Custos com sinistros / Prémios adquiridos)	69,3%	71,7%
Saldo de resseguro cedido / Prémios emitidos (**)	-4,0%	-4,0%
Custos de exploração / Prémios emitidos	29,4%	27,8%
Rendimentos e ganhos líquidos com investimentos / Prémios emitidos	6,4%	6,8%
Perdas de imparidade líquidas / Prémios emitidos	1,1%	1,1%
Resultado da conta técnica / Prémios emitidos (**)	0,5%	0,9%
Taxa de cedência (Prémios de resseguro cedido / Prémios emitidos) (**)	5,4%	4,9%
Taxa de sinistralidade do resseguro cedido (**)	17,7%	23,5%
Taxa de aceitação (Prémios de resseguro aceite / Prémios emitidos) (**)	0,1%	0,7%
Taxa de sinistralidade do resseguro aceite	71,2%	83,4%

(*) Os prémios emitidos de seguro direto referentes a 2009 incluem os valores da Real Seguros e da Mutuamar

(**) Rácios calculados considerando valores de seguro direto e resseguro aceite

Sinistralidade Em 2010 acentuou-se a tendência, iniciada em 2009, de agravamento da taxa de sinistralidade de seguro direto do ramo Automóvel, tendo este indicador registado um aumento de 2,4 pontos percentuais. Apesar do comportamento positivo dos Prémios adquiridos (variação de 1,5%), tal não se mostrou suficiente para compensar o incremento dos Montantes pagos (em 5,7%).

Tal como vem sendo observado desde 2008, os Montantes pagos excederam o valor dos Custos com sinistros, em resultado da redução da Provisão para sinistros em 121,4 milhões de euros.

Resseguro A taxa de cedência do ramo Automóvel apresentou uma contração de 0,5 pontos percentuais, baixando da fasquia de 5% (4,9%), assumindo o seu valor mais reduzido nos últimos cinco anos. Apesar da subida de 5,8 pontos percentuais, a taxa de sinistralidade de resseguro cedido manteve-se num nível relativamente baixo (23,5%).

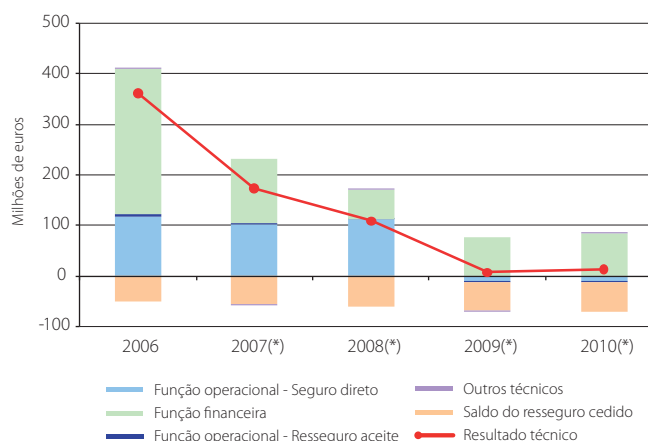
No que toca ao resseguro aceite, este tem pouca expressão (taxa de aceitação de apenas 0,7%) pelo que, apesar de um rácio de sinistralidade de 83,4%, superior ao correspondente indicador para o seguro direto, esta componente não tem uma influência material nos resultados do ramo Automóvel.

Desempenho financeiro O resultado da função financeira apresentou uma melhoria de 10,5%, assumindo-se pelo segundo ano consecutivo como o principal suporte dos resultados do ramo.

Resultados operacionais Tal como no ano anterior, a componente operacional contribuiu negativamente para o Resultado técnico do ramo Automóvel, evidenciando a existência de um desequilíbrio na exploração do mesmo. Efetivamente, a variação ocorrida nos últimos dois anos no custo do risco (75,7% em 2010 e 68,1% em 2008) não foi acompanhada por um aumento dos Prémios adquiridos, tendo impacto no que se refere à significativa deterioração observada. O elevado grau de competitividade existente neste ramo poderá ter sido um fator de influência no que concerne a esta situação.

Resultado da conta técnica No cômputo geral, o Resultado da conta técnica do ramo Automóvel quase duplicou em relação ao ano anterior (crescimento de 89,4%), embora mantendo-se em níveis bastante reduzidos (cerca de 13 milhões de euros). Neste enquadramento, a taxa de rendibilidade técnica, medida em função dos Prémios brutos emitidos de seguro direto e resseguro aceite, ascendeu a apenas 0,9%.

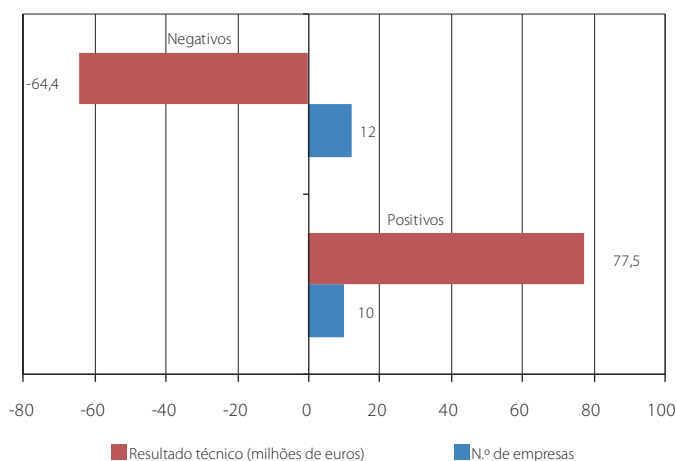
Gráfico 2.46 Decomposição do Resultado técnico do ramo Automóvel



(*) Resultados técnicos determinados de acordo com o novo PCES

Tal como observado em 2009, a maioria das empresas (12) obteve resultados negativos, embora os Resultados técnicos positivos dos dez operadores que os evidenciaram tenham suplantado as perdas do primeiro grupo.

Gráfico 2.47 Resultados técnicos – seguro Automóvel



d) Incêndio e Outros Danos em Coisas

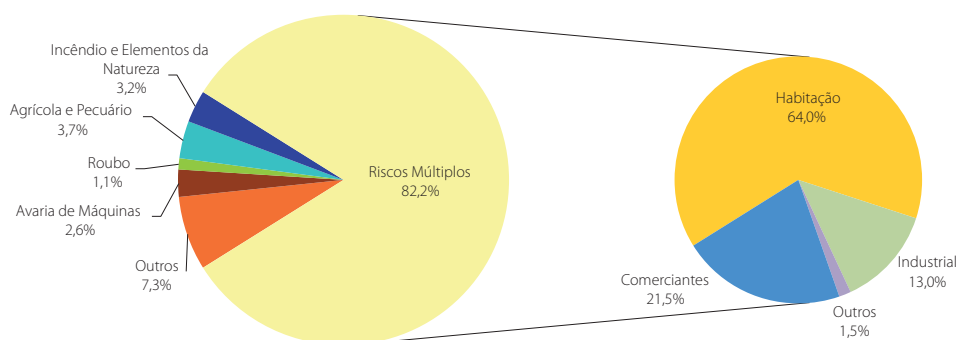
Evolução dos prémios Em 2010, o grupo de ramos Incêndio e Outros Danos em Coisas voltou a registar uma evolução favorável de 3,2% face ao ano anterior.

Este crescimento decorreu da melhoria observada em praticamente todas as modalidades deste agregado, com destaque para as que integram o agregado de Riscos Múltiplos (5,9%), assim como Roubo (4,3%) e Outros (16,1%). Com variações negativas ficaram as modalidades de Incêndio e Elementos da Natureza (-8,4%) e Agrícola e Pecuário (-1,2%).

Deste modo, o agregado de Riscos Múltiplos continuou a ser o mais representativo do total, tendo consolidado ligeiramente o seu peso para 82,2% (incremento de 0,2 pontos percentuais). Dentro deste agregado, todas as modalidades verificaram uma evolução positiva, oscilando entre os 3,6%, no caso de Riscos Múltiplos Comerciantes, e os 22,7%, para os Riscos Múltiplos – Outros. No que toca ao conjunto de Riscos Múltiplos, não se constatarem alterações significativas face a 2009.

Na estrutura geral, não se detetaram igualmente mudanças relevantes, tendo o peso das várias modalidades mantido alguma estabilidade (variação inferior a 0,5 pontos percentuais), com exceção da modalidade Outros (subida de 0,6 pontos percentuais na estrutura global).

Gráfico 2.48 Produção por modalidades – grupo de ramos Incêndio e Outros Danos em Coisas



Quadro 2.25 Estrutura da Conta técnica do grupo de ramos Incêndio e Outros Danos – seguro direto

milhões de euros	2009	2010
Prémios emitidos de seguro direto (*)	641	662
Prémios adquiridos de seguro direto	626	654
Montantes pagos / Prémios adquiridos	47,0%	64,7%
Taxa de sinistralidade (Custos com sinistros / Prémios adquiridos)	55,5%	65,9%
Saldo de resseguro cedido / Prémios emitidos (**)	-12,6%	-12,5%
Custos de exploração / Prémios emitidos	33,7%	30,7%
Proveitos com investimentos líquidos / Prémios emitidos	3,1%	3,6%
Perdas de imparidade líquidas / Prémios emitidos	0,6%	0,7%
Resultado da conta técnica / Prémios emitidos (**)	0,2%	-6,4%
Taxa de cedência (Prémios de resseguro cedido / Prémios emitidos) (**)	38,5%	39,3%
Taxa de sinistralidade do resseguro cedido (**)	47,9%	50,4%
Taxa de aceitação (Prémios de resseguro aceite / Prémios emitidos) (**)	1,4%	1,8%
Taxa de sinistralidade do resseguro aceite	99,8%	44,9%

(*) Os prémios emitidos de seguro direto referentes a 2009 incluem os valores da Real Seguros e da Mutuamar

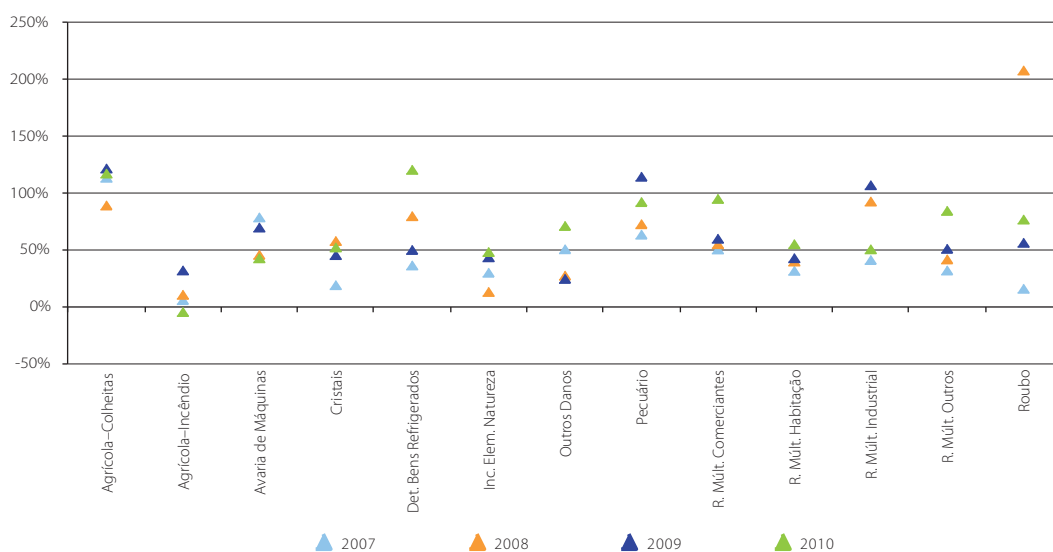
(**) Rácios calculados considerando valores de seguro direto e resseguro aceite

Sinistralidade Em 2010, a taxa de sinistralidade do grupo de ramos Incêndio e Outros Danos em Coisas voltou a registar um crescimento muito significativo, de 10,4 pontos percentuais face ao ano transato (em 2009, o acréscimo havia sido de 4,7 pontos percentuais). Esta situação decorreu do forte aumento dos Custos com sinistros em 24%, essencialmente como consequência da subida em 43,7% dos Montantes pagos. O comportamento anteriormente descrito terá ficado a dever-se, em boa medida, aos fenómenos naturais ocorridos no território nacional em 2010, dos quais resultaram perdas avultadas para o setor segurador.

Da análise por modalidade, constatam-se incrementos da taxa de sinistralidade em diversos casos, com as variações mais expressivas a surgirem nos casos de Deterioração de Bens Refrigerados, Outros Danos e Riscos Múltiplos Comerciantes, que ascenderam a 71,1, 47,3 e 35,6 pontos percentuais, respetivamente. Em sentido inverso, em várias modalidades a taxa de sinistralidade teve uma grande contração, com destaque para Riscos Múltiplos Industrial e Agrícola – Incêndio (-55,8 e -35,8 pontos percentuais, respetivamente).

No que concerne ao agregado de Riscos Múltiplos, que como já referido representa cerca de 82% da produção do ramo em análise, o rácio de sinistralidade agravou-se em 9,4 pontos percentuais face a 2009.

Gráfico 2.49 Taxa de sinistralidade por modalidades – grupo de ramos Incêndio e Outros Danos em Coisas



Resseguro A taxa de cedência não se alterou de forma material em 2010, mantendo-se abaixo do limiar de 40%. A sinistralidade do resseguro cedido acentuou-se em 2,5 pontos percentuais, fixando-se em 50,4%.

No que se refere ao resseguro aceite, apesar de a taxa de aceitação do grupo de ramos em análise se ter mantido em níveis reduzidos (1,8%), destaca-se a forte redução da respetiva taxa de sinistralidade, que se contraiu em 54,9 pontos percentuais. Deste modo, a função operacional de resseguro aceite passou a contribuir de forma positiva para o Resultado técnico, embora sem uma materialidade expressiva (inferior a cinco milhões de euros).

Desempenho financeiro O desempenho financeiro deste grupo de ramos foi positivo em torno de 20 milhões de euros, uma melhoria de 22,6% face ao ano anterior, tendo passado a representar o maior contributo positivo para os Resultados técnicos, de entre as suas diversas componentes.

Resultados operacionais

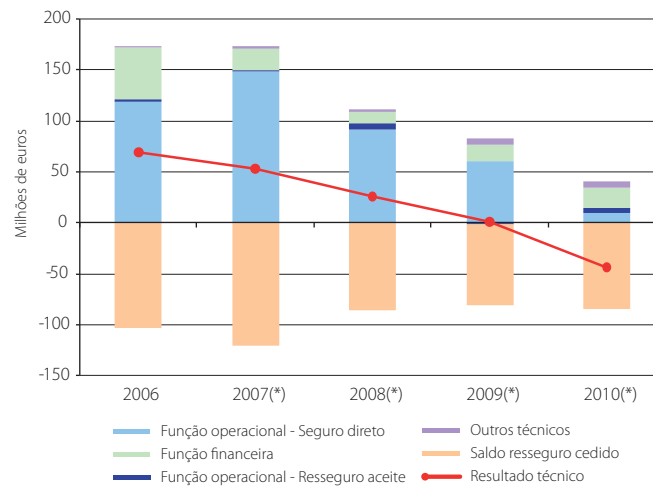
O ano 2010 confirmou a tendência de forte decréscimo dos Resultados operacionais do grupo de ramos Incêndio e Outros Danos, já visível ao longo dos últimos anos, tendo-se constatado uma redução de 83,3%. Desta forma, o equilíbrio de exploração que vinha a caracterizar este agregado, traduzido pelo suporte dos resultados na respetiva componente operacional, foi colocado em causa, na medida em que os Resultados operacionais de seguro direto ascenderam a apenas dez milhões de euros, valor suplantado pelo efeito da vertente financeira, de acordo com o anteriormente referido.

Conforme já se explicou, a esta situação não deverão ter sido alheios os diversos fenómenos climatéricos adversos que assolaram o território nacional, durante o ano em análise.

Resultado da conta técnica

Incorporando, acima de tudo, a evolução negativa da componente operacional, o Resultado técnico entrou em terreno negativo pela primeira vez nos últimos anos, fixando-se em aproximadamente 43 milhões de euros negativos.

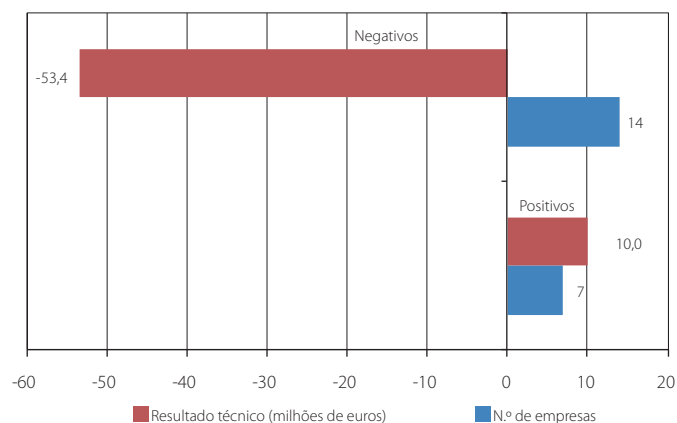
Gráfico 2.50 Decomposição do Resultado técnico do grupo de ramos Incêndio e Outros Danos



(*) Resultados técnicos determinados de acordo com o novo PCES

A análise dos Resultados técnicos individuais evidencia um aumento do número de operadores com resultados negativos (14 face a 12 em 2009), enquanto apenas sete operadores se mantiveram em terreno positivo, embora com um resultado conjunto que em pouco excedeu os dez milhões de euros e que se encontra fortemente concentrado num número reduzido de empresas.

Gráfico 2.51 Resultados técnicos – grupo de ramos Incêndio e Outros Danos



e) Responsabilidade Civil Geral

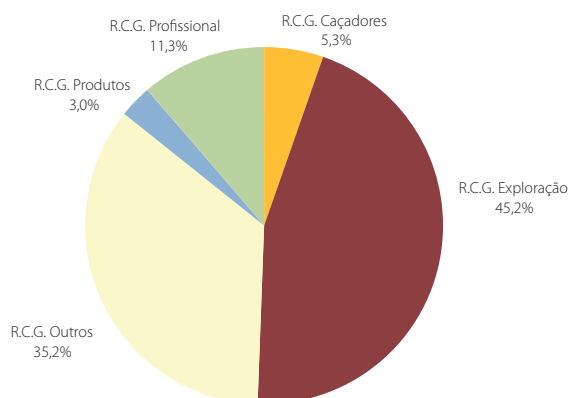
Evolução dos prémios

A produção de seguro direto do ramo Responsabilidade Civil Geral, medida pelo volume de Prémios brutos emitidos, registou um incremento de 3,9% face a 2009, cifrando-se em cerca de 94 milhões de euros.

Uma análise mais granular permite verificar que o comportamento do agregado ficou sobretudo a dever-se ao acréscimo associado às modalidades mais representativas, mais concretamente, Responsabilidade Civil Geral Exploração e Responsabilidade Civil Geral Outros, que observaram taxas de crescimento positivas (7% e 8,3%, respetivamente). No caso das restantes modalidades, constataram-se reduções significativas que, no caso de Responsabilidade Civil Geral Produtos, ascenderam a 23,6%.

Em termos da composição estrutural do agregado, a evolução anteriormente descrita conduziu ao reforço da representatividade das modalidades dominantes, que viram o seu peso aumentar para 45,2%, no caso de Responsabilidade Civil Geral Exploração (uma subida de 1,3 pontos percentuais), e para 35,2% no que se refere a Responsabilidade Civil Geral Outros (um incremento de 1,5 pontos percentuais). As restantes modalidades sofreram uma diminuição da importância relativa, passando a assumir, no seu conjunto, menos de 20% do total.

Gráfico 2.52 Produção por modalidades – ramo Responsabilidade Civil Geral



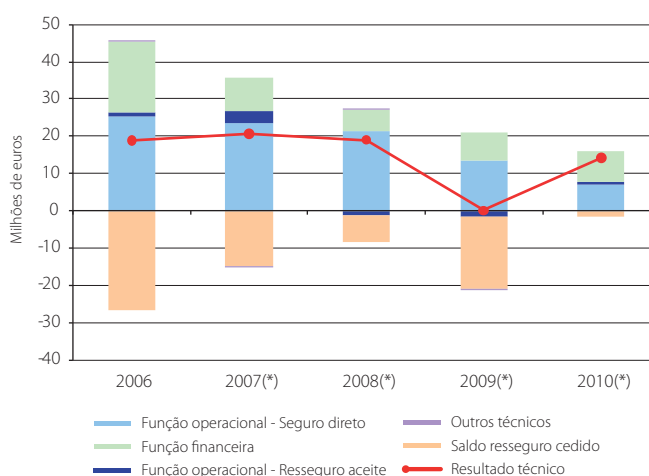
Quadro 2.26 Estrutura da Conta técnica do ramo Responsabilidade Civil Geral – seguro direto

milhões de euros	2009	2010
Prémios emitidos de seguro direto (*)	91	94
Prémios adquiridos de seguro direto	86	93
Montantes pagos / Prémios adquiridos	33,2%	38,2%
Taxa de sinistralidade (Custos com sinistros / Prémios adquiridos)	50,5%	58,6%
Saldo de resseguro cedido / Prémios emitidos (**)	-21,7%	-1,8%
Custos de exploração / Prémios emitidos	32,7%	31,7%
Rendimentos e ganhos líquidos com investimentos / Prémios emitidos	8,2%	9,7%
Perdas de imparidade líquidas / Prémios emitidos	1,5%	2,2%
Resultado da conta técnica / Prémios emitidos (**)	0,1%	14,9%
Taxa de cedência (Prémios de resseguro cedido / Prémios emitidos) (**)	25,8%	26,4%
Taxa de sinistralidade do resseguro cedido (**)	6,6%	84,7%
Taxa de aceitação (Prémios de resseguro aceite / Prémios emitidos) (**)	0,8%	0,9%
Taxa de sinistralidade do resseguro aceite	338,4%	20,2%

(*) Os prémios emitidos de seguro direto referentes a 2009 incluem os valores da Real Seguros e da Mutuamar

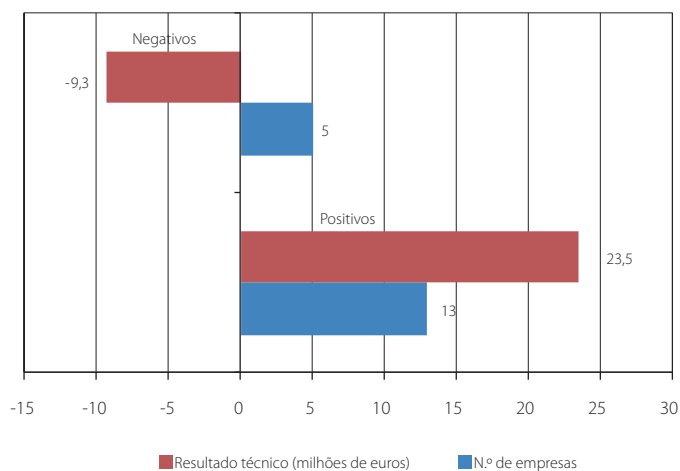
(**) Rácios calculados considerando valores de seguro direto e resseguro aceite

Sinistralidade	Tal como já havia sucedido em 2009, a taxa de sinistralidade do ramo Responsabilidade Civil Geral evidenciou um agravamento significativo (8,2 pontos percentuais), aproximando-se dos 60%. Esta evolução foi claramente conduzida pela modalidade Responsabilidade Civil Geral Exploração, cuja taxa de sinistralidade aumentou 30 pontos percentuais, ultrapassando o limiar dos 100% (102,9%). Nos restantes casos, a taxa de sinistralidade situou-se abaixo dos 40%, tendo sido registadas melhorias em quase todos os casos, exceto Responsabilidade Civil Geral Profissional, que partiu de uma taxa de sinistralidade negativa para um valor de 4,7%.
Resseguro	Relativamente às taxas de cedência e de aceitação, os valores mantiveram-se praticamente inalterados face a 2009. Destaca-se, no entanto, a grande volatilidade das respetivas taxas de sinistralidade, uma vez que se observaram variações consideráveis, em sentidos inversos às do ano anterior. Deste modo, no que diz respeito ao resseguro aceite, a taxa de sinistralidade reduziu-se em 318,2 pontos percentuais, fixando-se em 20,2%, fruto da contração dos Custos com sinistros que lhes estão associados (em 93,4%). Por seu lado, a taxa de sinistralidade de resseguro cedido aumentou 78 pontos percentuais face a 2009, em consequência de um incremento em 14 vezes dos Custos com sinistros.
Desempenho financeiro	A componente financeira, à semelhança de anos anteriores, contribuiu positivamente para os resultados do ramo Responsabilidade Civil Geral, em torno de oito milhões de euros, traduzindo um crescimento de 9,3%. De resto, esta parcela assumiu-se, em 2010, como a mais relevante para o Resultado técnico positivo obtido.
Resultados operacionais	<p>Na sequência do já referido forte agravamento da sinistralidade, os Resultados operacionais de seguro direto reduziram-se para cerca de metade, face ao ano anterior, passando a representar pouco mais de sete milhões de euros.</p> <p>Apesar dos resultados positivos no resseguro aceite, estes mostraram-se insuficientes para compensar a degradação da componente de seguro direto, pelo que a materialidade global dos Resultados operacionais para o Resultado técnico se reduziu acentuadamente.</p>
Resultado da conta técnica	<p>Embora se tenha verificado esta expressiva redução da contribuição dos Resultados operacionais, o Resultado técnico foi suportado pelo comportamento do nível de resseguro cedido, na medida em que o forte agravamento da respetiva sinistralidade se traduziu numa muito menor contribuição negativa desta componente para o Resultado técnico (menos de dois milhões de euros, traduzindo um crescimento de 91,2% face a 2009).</p> <p>Deste modo, o Resultado técnico observou um incremento muito expressivo, passando de um valor praticamente nulo em 2009 para cerca de 14 milhões de euros. No entanto, dada a já referida volatilidade das parcelas de resseguro, importa assegurar no futuro próximo uma recuperação da componente operacional, em particular no que toca ao seguro direto, de modo a suportar o equilíbrio do ramo a médio e longo prazo.</p>

Gráfico 2.53 Decomposição do Resultado técnico do ramo Responsabilidade Civil Geral

(*) Resultados técnicos determinados de acordo com o novo PCES

Analisando cada uma das 18 empresas que exerceram a sua atividade no ramo Responsabilidade Civil Geral em 2010, constata-se que apenas cinco tiveram resultados negativos, um valor idêntico ao apurado em 2009. Tal como também já havia sido observado em anos anteriores, deteta-se uma extrema concentração dos resultados negativos, na medida em que 93,5% das perdas respeitam a uma única empresa.

Gráfico 2.54 Resultados técnicos – ramo Responsabilidade Civil Geral

2.4. Situação financeira e patrimonial

2.4.1. Análise patrimonial

Estrutura patrimonial

As variações patrimoniais observadas no exercício de 2010 refletem o agravamento da crise económico-financeira vivida em termos internacionais, com as consequentes ramificações em Portugal.

A análise da estrutura patrimonial evidenciada no quadro seguinte permite verificar que os níveis de Capitais próprios apresentam um decréscimo na ordem dos 6,2% face ao ano transato.

Por outro lado, o valor total dos ativos mostra um acréscimo de 2,2%, o que faz com que, em 2010, os Ativos sejam 15,8 vezes superiores aos Capitais próprios, reforçando-se o grau de alavancagem do setor. O agravamento do Passivo situou-se em torno dos 3%.

Quadro 2.27 Evolução da estrutura patrimonial

milhões de euros	2006 ^(a)	2007 ^(b)	2008	2009	2010
Ativo	49 392	52 583	52 385	57 400	58 684
Capital próprio	3 713	3 645	2 927	3 952	3 708
Passivo	45 679	48 938	49 458	53 448	54 975

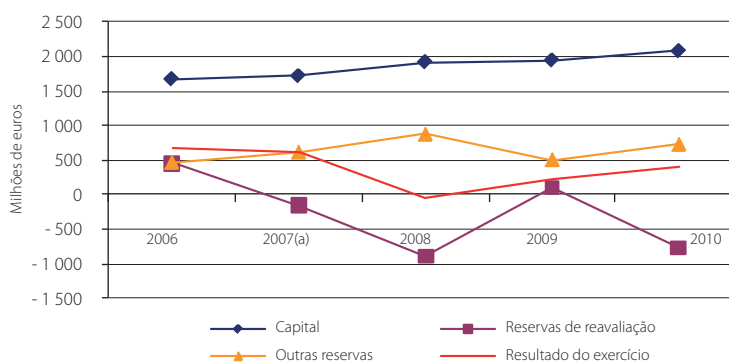
(a) De acordo com o regime contabilístico aplicável até ao exercício de 2007

(b) Recalculado com base no regime contabilístico aplicável a partir do exercício de 2008

Capital próprio Para melhor se compreender a evolução temporal do Capital próprio, atente-se ao Gráfico 2.55 e ao Quadro 2.27, que ilustram as variações ocorridas ao nível das principais rubricas nos últimos cinco anos.

Embora o Capital social registre um aumento na ordem dos 7%, refletindo o reforço dos capitais verificado em algumas empresas de seguros, tal não foi suficiente para cobrir a redução significativa da componente Reservas de reavaliação.

Gráfico 2.55 Evolução das principais rubricas do Capital próprio



(a) Valores relativos ao exercício de 2007, recalculados com base no novo PCES aplicável a partir de 2008

Quadro 2.28 Evolução das principais rubricas do Capital próprio

milhões de euros	2006	2007 ^(a)	2008	2009	2010
Capital próprio	3 713	3 645	2 927	3 952	3 708
Capital social (deduzidas ações próprias)	1 666	1 705	1 889	1 861	1 996
Reserva reavaliação	492	-156	-887	99	-765
Reserva impostos diferidos		62	224	-21	202
Out. reserv. (inc. pre. emissão) e Out. inst. Capital	813	785	909	842	866
Resultados transitados	64	638	836	949	1 012
Resultado líquido do exercício	679	610	-44	221	397
Distribuição resultados do exercício	347	283	83	131	151
Var. Capital social (com dedução ações próprias)	-16,4%	-	10,8%	-1,5%	7,2%
Var. Res. reavaliação	27,8%	-	-469,5%	-	-
Var. Reserva impostos diferidos			262,4%	-	-
Var. Out. reserv. (inc. pre. emissão) e Out. inst. Capital	113,7%	22,4%	15,7%	-7,3%	2,8%
Var. Resultados transitados	176,8%	51,2%	31,0%	13,5%	6,7%
Var. Resultado líquido do exercício	50,2%	-6,6%	-	-	79,5%

(a) Recalculado com base no regime contabilístico aplicável a partir do exercício de 2008

A evolução das Reservas de reavaliação, com um decréscimo que ultrapassou os 850 milhões de euros em 2010, reflete o comportamento dos mercados financeiros, tal como evidenciado no capítulo 1. Consequentemente, e ainda que se observe um incremento das restantes rubricas do Capital próprio, nomeadamente pelo efeito das Reservas por impostos diferidos, tal não permitiu evitar a referida redução de 6,2% do Capital próprio das empresas de seguros.

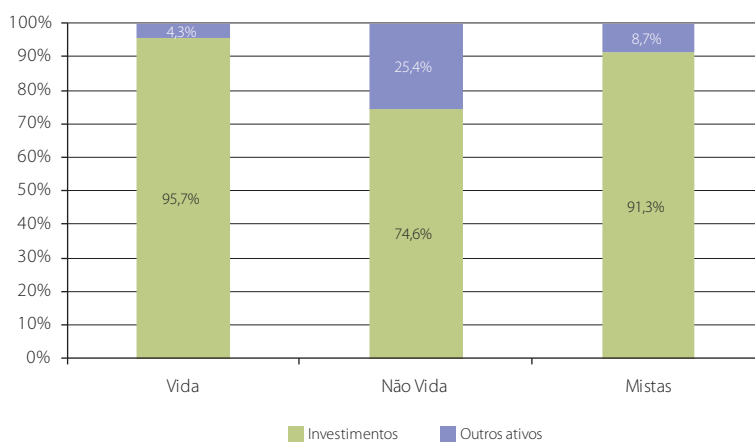
Estrutura do ativo

A desvalorização dos instrumentos financeiros não alterou a estrutura do Ativo, que continuou a ser maioritariamente composto por investimentos (92% do valor total dos ativos), aspeto a que não é alheia a natureza do setor, nem os requisitos prudenciais aplicáveis.

Embora os investimentos verifiquem uma variação positiva de 2,5%, este valor foi consideravelmente inferior ao aferido no ano anterior (10,5%), facto que se ficou a dever, fundamentalmente, ao comportamento dos ativos financeiros valorizados ao justo valor.

O Gráfico 2.56 ilustra a estrutura das principais rubricas do Ativo por tipo de atividade das empresas de seguros (Vida, Não Vida e Mistas). Em comparação com 2009, ocorreram ligeiras alterações no peso relativo das componentes investimentos e Outros ativos.

Gráfico 2.56 Estrutura do Ativo

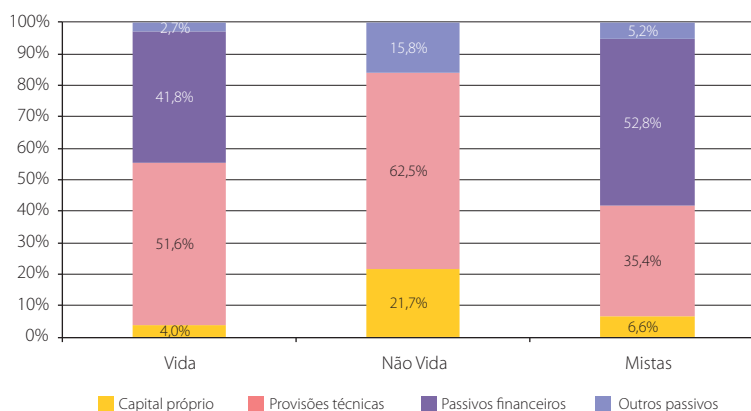


Enquanto nas empresas Mistas se registou um incremento de 1,7 pontos percentuais no peso dos investimentos, nas empresas do ramo Vida e nas dos ramos Não Vida verificou-se uma diminuição de 0,7 pontos percentuais.

As responsabilidades para com os tomadores de seguros e beneficiários, tendo por base a agregação dos valores das Provisões técnicas e dos contratos de investimento, correspondiam a cerca de 95% do total do Passivo em 2010.

Estrutura do Capital próprio e Passivo

O Gráfico 2.57 explana a composição da estrutura do Capital próprio e Passivo nas empresas de seguros Vida, Não Vida e Mistas.

Gráfico 2.57 Estrutura do Capital próprio e do Passivo

Uma análise da relação existente entre o Passivo e o Capital próprio (estrutura financeira), utilizada pela generalidade dos setores para aferir da capacidade de as empresas fazerem face aos seus compromissos exclusivamente com o Capital próprio, indicaria que o Passivo é, em 2010, 15 vezes superior àquela rubrica. No entanto, há que lembrar que cerca de 95% do total do Passivo equivale a responsabilidades para com os tomadores de seguros e beneficiários, as quais estão devidamente cobertas por ativos elegíveis nos termos regulamentares aplicáveis ao setor e apresentam maturidades elevadas.

Análise patrimonial detalhada

O Quadro 2.29 permite observar de forma mais granular a interação entre as rubricas do Ativo e do Passivo.

Quadro 2.29 Estrutura patrimonial detalhada

milhões de euros	2008	2009	2010
Caixa e depósitos à ordem	2 070	1 971	1 805
Investimentos	46 362	52 859	54 202
Provisões técnicas de resseguro cedido	780	756	775
Ativos por impostos	452	288	484
Devedores	1 371	1 117	1 030
Outros ativos	334	409	389
Total do Ativo líquido	51 370	57 400	58 684
Provisões técnicas	26 101	25 694	26 921
Vida	20 197	19 860	21 144
Não Vida	5 904	5 833	5 777
Passivos financeiros	20 477	24 518	25 330
Passivos por impostos	206	315	241
Credores	807	1 005	866
Outros passivos	1 867	1 916	1 618
Total do Passivo	49 458	53 448	54 975
Capital próprio	2 927	3 952	3 708

Ativo No que respeita à evolução estrutural dos Ativos, não se registaram alterações substanciais no ano 2010.

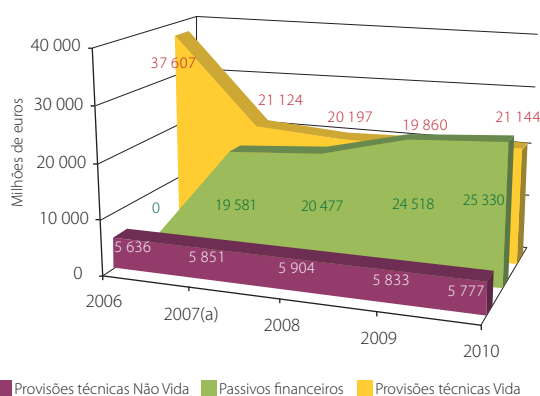
Os instrumentos financeiros continuam a corresponder à componente mais significativa do Ativo das empresas de seguros e estão, na sua maioria, classificados como ativos financeiros disponíveis para venda (57% do total dos instrumentos financeiros), dados os requisitos impostos pelo regime contabilístico aplicável (IAS 39).

Em termos de importância relativa, seguem-se os ativos financeiros classificados no reconhecimento inicial ao justo valor através de Ganhos e perdas, com um peso de 30% do total dos instrumentos financeiros, em 2010. As restantes rubricas apresentam pesos pouco expressivos.

Passivo O agravamento do Passivo (em torno dos 3%) decorre essencialmente do acréscimo das Provisões técnicas do ramo Vida (6,5%) e dos Passivos financeiros, que correspondem, na sua maioria, a contratos de seguros classificados, para efeitos contabilísticos, como de investimento (3,3%).

As Provisões técnicas dos ramos Não Vida registaram, por outro lado, um decréscimo de cerca de 1% face a 2009, passando a representar cerca de 11% do total do Passivo.

Gráfico 2.58 Evolução das Provisões técnicas e Passivos financeiros



(a) Valores relativos ao exercício de 2007, recalculados com base no novo PCES aplicável a partir de 2008

Provisões técnicas de Vida

As Provisões técnicas do ramo Vida são constituídas, na sua maior parte, pelas Provisões matemáticas que, no ano em apreço, somaram 20 277 milhões de euros (95,9% do total das Provisões técnicas de Vida). Ao contrário dos dois anos anteriores, em 2010 as Provisões matemáticas apresentaram um aumento (7,3% face a -2,5% em 2009 e -4,1% em 2008).

Quadro 2.30 Provisões técnicas do ramo Vida

milhões de euros	2008	2009	2010
Provisão matemática do ramo Vida	19 367	18 890	20 277
Provisão para participação nos resultados	206	334	230
Provisão para sinistros	441	441	446
Provisão para prémios não adquiridos	61	75	78
Provisão para compromissos de taxa	21	22	9
Provisão para estabilização de carteira	32	37	50
Outras provisões técnicas	65	58	0
Sub-total	20 193	19 857	21 091
Provisões técnicas (<i>unit linked</i>)	4	4	53
Total	20 197	19 860	21 144

No que respeita às restantes provisões, importa destacar o decréscimo de 31,1% na Provisão para participação nos resultados, relacionada diretamente com a desvalorização das carteiras de investimento (resultante da depreciação verificada nos mercados de capitais). Saliente-se também a diminuição de 57,5% da Provisão para compromissos de taxa, que foi influenciada por diferentes fatores, tais como a melhoria de rentabilidade de alguns produtos e o acréscimo de resgates e vencimentos.

Em sentido contrário, note-se a variação positiva ocorrida na Provisão para estabilização da carteira (33,5%), pese embora o facto de esta rubrica apresentar um valor pouco substancial.

Os valores de Outras provisões técnicas, que em 2008 e 2009 respeitavam a Provisões técnicas relativas a *unit linked*, foram, em 2010, realocadas à respetiva rubrica.

Provisões técnicas de Não Vida

As Provisões técnicas dos ramos Não Vida são essencialmente constituídas pela Provisão para sinistros, que em 2010 representava 79,1% do total, um peso bastante semelhante ao do ano anterior (inferior em apenas 1 ponto percentual), apesar de ter registado um decréscimo de 2,2% em termos absolutos.

Quadro 2.31 Provisões técnicas dos ramos Não Vida

milhões de euros	2008	2009	2010
Provisão para prémios não adquiridos	1 020	973	982
Provisão para participação nos resultados	4	4	5
Provisão para sinistros	4 741	4 672	4 570
Acidentes de Trabalho	1 743	1 729	1 714
Provisão matemática	1 159	1 187	1 213
Doença	155	164	178
Incêndio e Outros Danos	275	332	345
Automóvel	2 116	1 995	1 877
Responsabilidade Civil Geral	193	213	345
Outros Ramos	259	239	111
Provisão para riscos em curso	83	125	156
Provisão para envelhecimento	2	2	2
Provisão para desvios de sinistralidade	55	57	63
Outras provisões técnicas	0	1	0
Total	5 904	5 833	5 777

A rubrica de Provisão para sinistros manifestou comportamentos distintos entre os diferentes ramos de seguros.

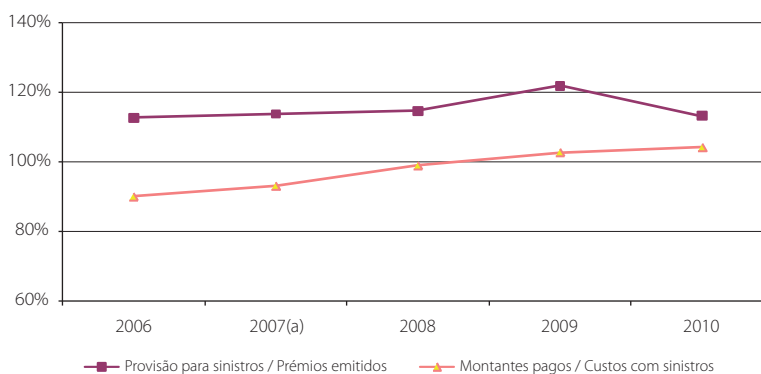
Na Provisão para sinistros do conjunto dos ramos Não Vida salienta-se, em 2010, o crescimento verificado no ramo Responsabilidade Civil Geral (61,6%). Por outro lado, no ramo Automóvel as Provisões para sinistros decresceram 5,9%, tendo o respetivo peso no agregado Não Vida diminuído para 32,5% (34,2% em 2009). Refira-se ainda o decréscimo registado na Provisão para sinistros de outros ramos (53,7%).

Relativamente às restantes Provisões técnicas dos ramos Não Vida, destaca-se o acréscimo da Provisão para riscos em curso (25,1%), cujo peso no total das provisões dos ramos Não Vida cresceu 0,6 pontos percentuais, continuando, no entanto, a representar uma proporção pouco significativa do total das provisões (2,7%). A Provisão para desvios de sinistralidade sofreu igualmente um aumento, na ordem dos 10,8%, embora este não seja material em termos absolutos.

A Provisão para prémios não adquiridos cresceu 0,9%, tendo subido apenas ligeiramente (0,3 pontos percentuais) a sua importância relativa no total das provisões.

Índices de provisionamento e de regularização

No segmento Não Vida, um dos indicadores mais utilizados corresponde ao índice de provisionamento dado pelo rácio 'Provisão para sinistros / Prémios emitidos'. Este índice diminuiu 8,6 pontos percentuais (em termos médios) em 2010, fixando-se em 113,4%, comportamento influenciado em parte pelo aumento da Provisão para sinistros e pelo melhoramento do índice de regularização de sinistros.

Gráfico 2.59 Evolução dos índices de provisionamento e de regularização de sinistros dos ramos Não Vida

(a) Valores relativos ao exercício de 2007, recalculados com base no novo PCES aplicável a partir de 2008

No que se refere ao rácio 'Montantes Pagos / Custos com Sinistros', que reflete o índice de regularização de sinistros, apurou-se um valor de 104,3%, que corresponde, em termos médios, a uma variação positiva de 1,4 pontos percentuais. Esta realidade parece indicar que, na maioria dos casos, as empresas de seguros estão a aumentar a velocidade de regularização de sinistros.

Restantes rubricas do Passivo

As restantes rubricas de Passivo registaram na sua generalidade decréscimos – Passivos por impostos (-23,7%), Outros passivos (-15,6%) e Credores (-13,9%) – mas que, dado o seu peso menos significativo, não conduziram a uma redução do total do Passivo.

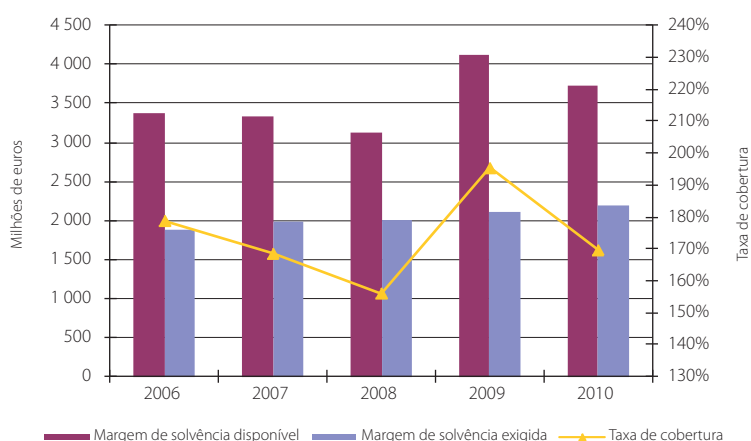
2.4.2. Margem de solvência

Taxa de cobertura

Em 2010, assistiu-se a uma redução na taxa de cobertura da margem de solvência da atividade global, que passou de 196% para 170%, em 2009 e 2010, respetivamente.

Enquanto o montante da margem de solvência exigida aumentou 4,3%, atingindo 2 201 milhões de euros, o montante da margem de solvência disponível diminuiu para cerca de 3 735 milhões de euros (decrécimo de 9,5%), sem dúvida fortemente influenciada, como anteriormente referido, pela desvalorização das carteiras de ativos.

Não obstante este decréscimo, os níveis de solvência continuam a apresentar valores bastante confortáveis para o setor como um todo.

Gráfico 2.60 Margem de solvência – evolução do total do mercado

Efetuada uma análise das empresas de seguros por tipo de negócio, ou seja, considerando a comercialização especializada do ramo Vida, Não Vida e exploração simultânea de ambos (empresas de seguros Mistas), observa-se uma tendência de reforço dos indicadores de solvência nos ramos Não Vida, enquanto as atividades Vida e Mistas apresentam reduções naqueles indicadores.

As empresas especializadas nos ramos Não Vida continuam a apresentar a mais elevada taxa de cobertura da margem (240%), o que consubstancia, comparativamente a 2009, um aumento de 11 pontos percentuais.

As empresas de seguros de Vida e Mistas registaram uma diminuição nos indicadores de solvência, respetivamente para 145% e 165%, evidenciando eventualmente uma maior sensibilidade às variações ocorridas na valorização das carteiras de ativos.

Gráfico 2.61 Margem de solvência por tipo de empresa

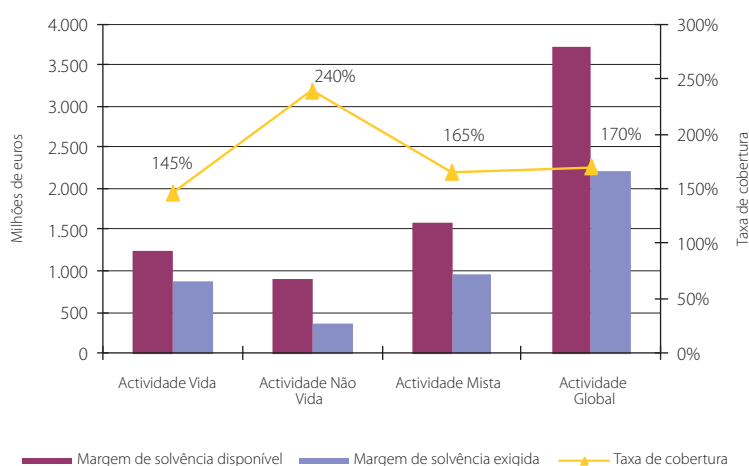
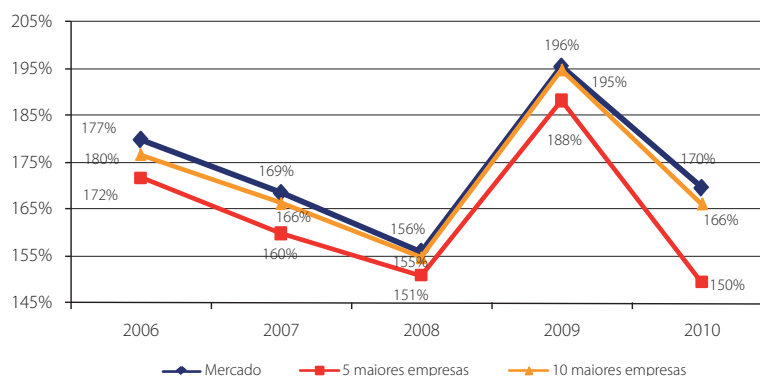


Gráfico 2.62 Taxa de cobertura da margem de solvência do mercado e das cinco e das dez maiores empresas



Uma análise atenta ao peso relativo das empresas de seguros permite aferir que a taxa de cobertura decresceu essencialmente nas cinco maiores empresas. Este resultado não surpreende se se considerar que estas são especializadas em Vida ou Mistas, o que as torna mais expostas ao mercado de capitais.

O impacto em termos de estrutura dos elementos da margem de solvência disponível é refletido na composição do Capital próprio no final de 2010 (Gráfico 2.63).

Gráfico 2.63 Elementos da margem de solvência disponível do mercado

